

António Inácio Marques da Costa (1857-1933), Setúbal, Tróia e a Arrábida: percursos de um pioneiro dos estudos arqueológicos regionais em Portugal vistos pela correspondência enviada a José Leite de Vasconcelos

JOÃO LUÍS CARDOSO *

Resumo

Caracteriza-se a actividade arqueológica de António Inácio Marques da Costa no campo da Arqueologia da região da península da Arrábida e do estuário do Sado, abrangendo diversas estações pré-históricas e romanas, algumas delas por si descobertas e/ou depois exploradas, por vezes em prolongados trabalhos de campo, como foi o caso do povoado pré-histórico da Rotura, das grutas artificiais pré-históricas da Quinta do Anjo, do povoado pré e proto-histórico de Chibanes e, enfim, do complexo industrial romano Tróia. A qualidade das publicações que tais explorações deram origem evidencia o espírito rigoroso, analítico e bem informado – confirmado pela bibliografia citada – do seu autor, situando-o como um dos melhores arqueólogos da sua época e, sem dúvida, entre um dos pioneiros dos estudos arqueológicos regionais, faceta particularmente evidenciada no seu “Esboço da carta dos arredores de Setúbal indicativo das estações prehistoricas e romanas”, publicada em 1907. Trata-se de documento onde se indica a localização de muitas estações que só muito mais tarde, mercê da actividade do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal foram, mas apenas nalguns casos, objecto de investigação.

Na obra arqueológica de Marques da Costa, quase toda publicada em “O Arqueólogo Português”, pode considerar-se um primeiro período, abrangendo globalmente a primeira década do século XX, em que apresentou os resultados das explorações realizadas nas estações pré-históricas da sua região. O segundo período, menos produtivo que o anterior, e dele separado por cerca de doze anos de ausência de publicações no âmbito arqueológico (entre 1910 e 1923), corresponde à publicação dos resultados das explorações efectuadas em estações romanas, etapa interrompida pelo falecimento do autor, ocorrido em 1933. Mesmo assim, a parte publicada, dedicada ao estudo de Tróia, confirma os méritos científicos, já firmados, a par de uma invulgar dimensão ética e humana, que importa também sublinhar, evidenciada através da correspondência enviada a José Leite de Vasconcelos, agora publicada na íntegra.

Abstract

In this study we describe the archeological activity of António Inácio Marques da Costa in the Peninsula of Arrábida and in the estuary of Sado, including several pre-historical and roman sites, some of them studied in often extended field work campaigns. It was the case the prehistoric settlement of Rotura, the artificial caves of Quinta do Anjo, the pre- and protohistoric settlement of Chibanes and finally the roman industrial complex of Tróia. The quality of the publications originated shows

* Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) arqueolo@univ-ab.pt.

a rigorous and analytical mind, well informed – also shown in the cited references – supporting the conclusion that A. I. Marques da Costa was one of the best archeologists of his time, no doubt a pioneer in regional archeological studies, reported in the Map of Setúbal surroundings showing the prehistorical and roman sites, published in 1907. It is a document where he locates many sites that only much later were investigated, mostly due to the activity of the Museum of Archeology and Ethnography of the District Assembly of Setúbal. In the archeological work of Marques da Costa, almost all published in the journal “O Arqueólogo Português”, we can see a first period corresponding to the first decade of the XXth century, in which he published the results of the excavations in pre- and protohistorical sites from his region. In the second period, in his last decade of life, between 1923 and 1933, he published the results obtained in roman sites, a task interrupted in fact by his death, in 1933. Even so, the published part dedicated to study of the industrial complex of Tróia, confirms his scientific merit together with unusual ethical and human dimensions that should also be valued, aspect that it is well documented in the correspondence send to José Leite de Vasconcelos, now published in full.

Em finais do século XIX, o desejo da população ilustrada de Setúbal em possuir um Museu dentro da sua cidade era grande, e a Câmara sentia-o claramente. Para dar resposta a tal sentimento, a autarquia criou, a 2 de Outubro de 1897, um espaço museológico no interior da Biblioteca Municipal, a partir do núcleo numismático organizado por Barbuda Cabral (Neto, 2008).

Tratou-se de um pequeno gesto, quase simbólico, claramente insuficiente para satisfazer os espíritos mais empenhados na afirmação cívica e cultural do burgo. Assim, no sentido de conferir maior visibilidade ao referido núcleo, o mesmo é transferido, a 23 de Setembro de 1899, para o edifício dos Paços do Concelho, para ali vir a ocupar uma sala, ao mesmo tempo que se envidam esforços para captar outros núcleos de interesse museológico susceptíveis de aumentar o espaço expositivo. Sabe-se que, entretanto, também a Santa Casa da Misericórdia inaugurou pequena exposição relativa à história de Setúbal, na Sala do Capítulo do Convento de Jesus, acentuando a insistência com que certas figuras públicas de Setúbal clamavam pela criação de um Museu Municipal digno desse nome. Neste, por certo que a Arqueologia não ficaria esquecida, até porque existia tradição na cidade sadina de um movimento cultural e científico com fundamentos no século XVIII. Com efeito, importa atender à presença, do outro lado do estuário, da estação romana de Tróia, cujas referências mais antigas remontam

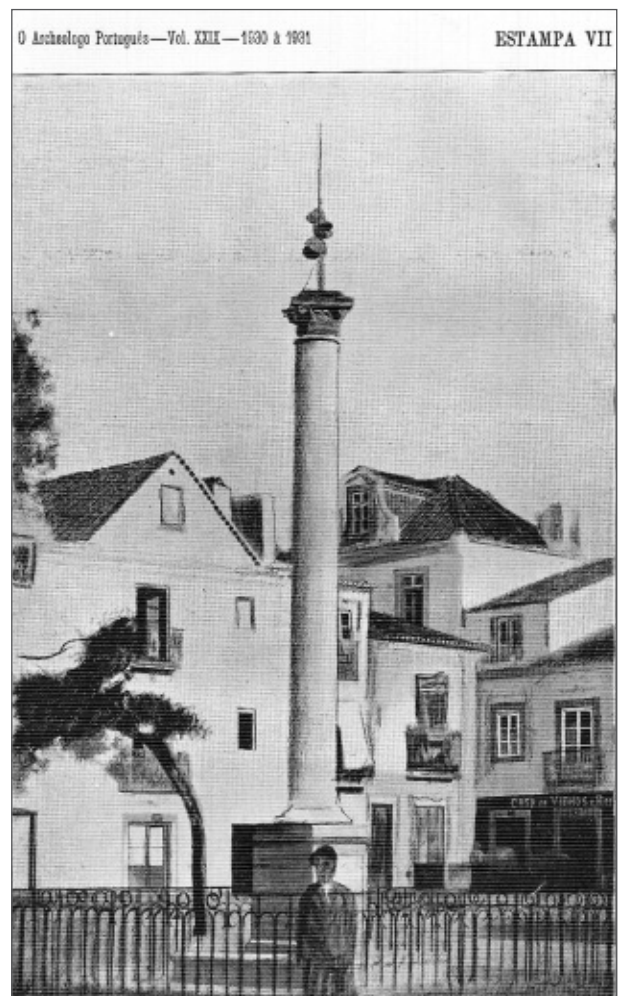


Fig. 1 - Coluna coríntia reutilizada como pelourinho, trazida de Tróia no século XVIII e actualmente na Praça Marquês de Pombal, em Setúbal (Costa, 1930/1931, Fig. 35).

ao século XVI; ali, a construção, por essa época, de uma capela edificada no século XV e dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres (Costa, 1933, p. 13), e a realização de uma romaria anual, mais acentuava a relação daquela língua arenosa repleta de vestígios romanos com a população setubalense.

Os testemunhos encontrados multiplicavam-se, sendo alguns trazidos para Setúbal, desde o século XVI; a importância das ruínas visíveis no século XVIII era evidente, tendo impressionado a Princesa, futura Rainha D. Maria I, que numa viagem fluvial de regresso da Herdade do Pinheiro, pertencente então à Casa do Infantado, ali mandou fazer escavações, tendo os objectos encontrados sido distribuídos por alguns membros da comitiva; um dos objectos mais notáveis então recolhidos foi a coluna coríntia que, segundo suas ordens, foi erigida numa das praças de Setúbal, a qual, depois de ter estado alguns anos enterrada, por dificultar o trânsito, foi removida para outra praça, a actual Praça Marquês de Pombal (Costa, 1933, p. 20) onde hoje ainda se encontra (Fig. 1). São, pois, antigas e directas, as relações da população da então vila de Setúbal com as ruínas que jaziam do outro lado do rio, reforçadas por diversos testemunhos dali extraídos, pois além da coluna mencionada, também por aquela altura se exibia, na frontaria da casa dos Salemas, na actual Praça do Bocage, uma estátua feminina de mármore, mutilada, transferida em 1868 para a Academia Real das Belas Artes, em Lisboa (hoje no Museu Nacional de Arqueologia), à qual já André de Resende se havia referido, atribuída ao século II d. C. (Souza, 1990, nº. 154).

Data ainda do século XVIII a publicação de opúsculo de Frei Vicente Salgado (Salgado, 1784), onde teceu considerações – que hoje se sabe desprovidas de fundamento – sobre uma moeda de bronze achada em Tróia (Fig. 2).

Esta relação estreita entre o presente e um passado considerado de grandeza, o qual proporcionava ainda locuções de carácter erudito ou literário, tão ao gosto dos antiquários da época, explica a criação, em Setúbal, da primeira associação científica dedicada exclusivamente à investigação arqueológica: a “Sociedade Archeologica Lusitana”, ali fundada por iniciativa de um grupo de residentes, a 9 de Novembro de

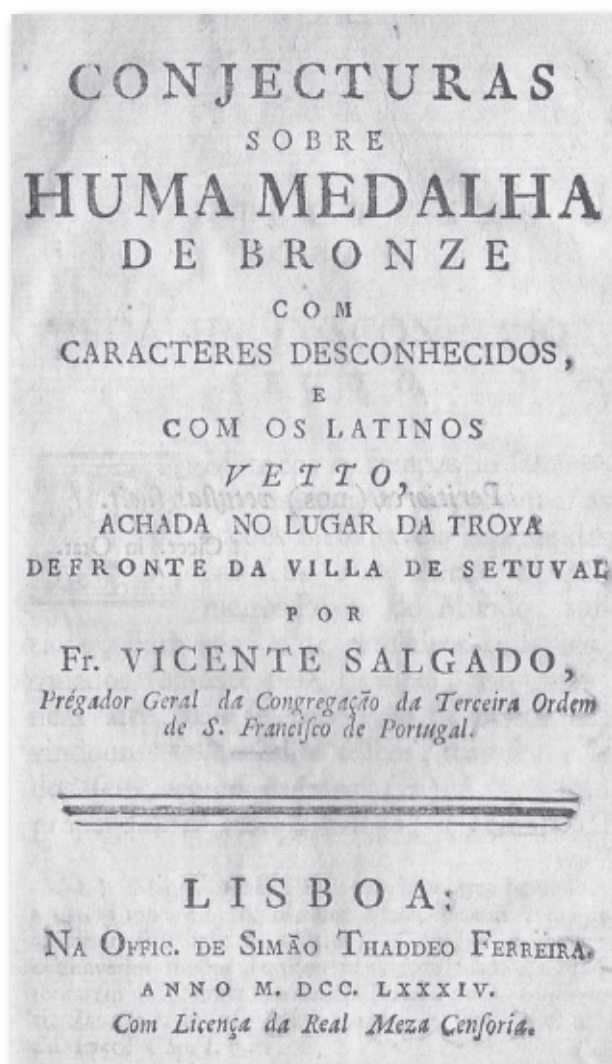


Fig. 2 - Rosto da brochura de Fr. Vicente Salgado, sobre uma moeda aparecida em Tróia, publicada em Lisboa em 1784.

1849, cujos estatutos foram publicados no ano seguinte (Fig. 3). A sociedade, apesar de ter tido vida efémera, realizou escavações em Tróia, intermitentemente, desde os finais de 1849 até Outubro de 1856, altura em que foram definitivamente suspensas.

O que sucedeu a seguir, já foi relatado em detalhe (Carvalho, 1896; Machado, 1962). Os materiais arqueológicos recolhidos em Tróia, bem como a documentação e livros da Sociedade, na ausência de museu em Setúbal, foram remetidos para a Academia Real de Belas Artes, em Lisboa, pelos quatro sócios que se constituíram em seus fiéis depositários. Naquela Instituição deram entrada, em 1869,

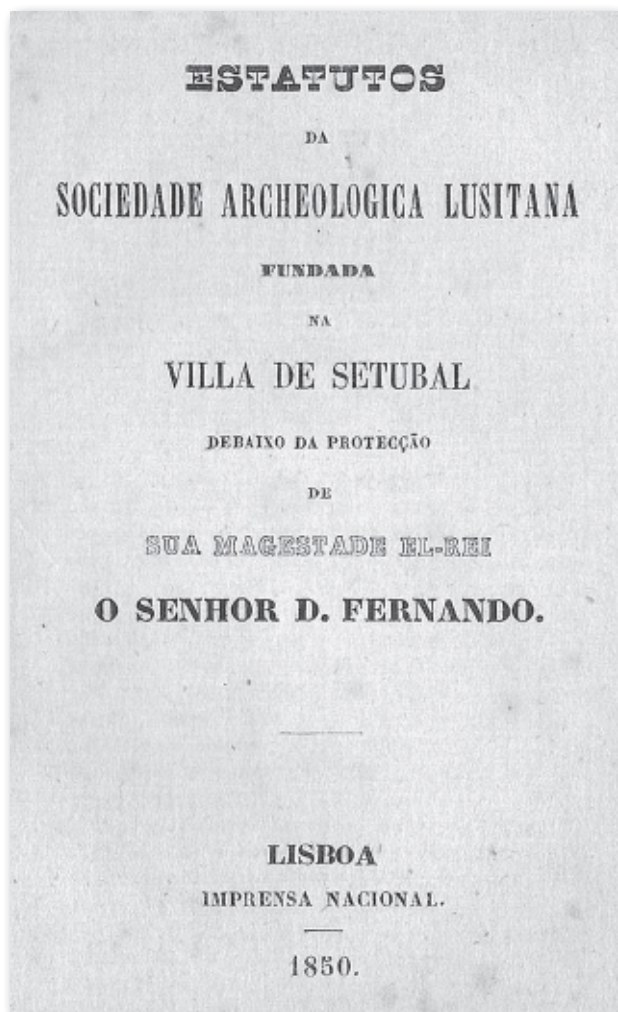


Fig. 3 - Estatutos da Sociedade Arqueol3gica Lusitana.

parte dos esp3lios recolhidos, a que se juntou a parte restante, em 1882. Com efeito, Sebast3o Maria Pedroso Gamito, recusou-se a entregar os esp3lios que estavam 3 sua guarda, o que s3 viria a verificar-se ap3s a sua morte, pelo seu filho.

Mais tarde, a posse desta colecção foi cobiçada pelo director do ent3o Museu Etnol3gico Português, Jos3 Leite de Vasconcelos que, em 1904, em carta dirigida ao Inspector da Academia, exp3s a pretens3o de recuperar esses objectos para o Museu que dirigia, a par de outros ali tamb3m guardados.

N3o podia, naturalmente, a C3mara Municipal de Set3bal deixar de reagir, endereçando sucessivamente a 21 de Janeiro e a 23 de Fevereiro de 1905 requerimentos ao Governo Civil de Lisboa

para que o conjunto arqueol3gico outrora pertencente 3 referida Sociedade e por esta depositada na Academia Real de Belas Artes lhe fosse entregue, com destino ao museu (certamente o precariamente criado na Biblioteca P3blica, em 1897), invocando para tal a vontade dos s3cios ainda vivos da Sociedade. A quest3o foi levada ao conhecimento do Director Geral da Instrução P3blica que submeteu a dita exposição ao parecer de Jos3 Leite de Vasconcelos. Este, como era seu costume, n3o perdeu tempo. Constituída uma comiss3o no seio da Academia de Belas Artes, para averiguar os objectos a remeter para o Museu de que era director, da qual ele pr3prio fazia parte, conseguiu obter a ced3ncia, depois de uma exposição dirigida ao Inspector da Academia, a 26 de Março de 1906, de todos os materiais recolhidos em Tr3ia. No conjunto incluía-se a escultura marm3rea anteriormente referida, al3m de outra, proveniente de *Olisipo* e de um vaso grego da necr3pole da Idade do Ferro de Alc3cer do Sal, peças de evidente valor arqueol3gico que ainda hoje se conservam no Museu Nacional de Arqueologia.

A r3pida e eficaz actuação de Leite de Vasconcelos ter3 por certo criado tens3o entre a sua pessoa e as autoridades municipais, que assim se viam privadas de esp3lios que, nalguns casos, at3 j3 tinham estado incorporados em edifícios de Set3bal. Reflexo deste sentimento de perda das elites culturais de Set3bal, que era ali3s anterior, foi a representaç3o apresentada em Novembro de 1901 3 C3mara Municipal subscrita por Ana de Castro Os3rio, por sinal prima de Leite de Vasconcelos, e seu marido, o escritor Paulino de Oliveira, bem como pelos mais ilustres setubalenses. Tal representaç3o, que pugnavia pela criaç3o de um Museu no edifício do Corpo Santo, foi publicada, a 1 de Dezembro de 1901, em "O Sul", da qual se transcreve a seguinte passagem:

"Parece-nos, pois, Senhores que a criaç3o de um museu que seja ensino do passado e incentivo para o futuro, 3 da mais urgente necessidade n'uma terra que deseja progredir, n3o somente pelo numero das suas fabricas e enriquecendo as suas industrias e o commercio, como educando os seus filhos e mostrando aos estranhos que a passo e passo se vae engrandecendo materialmente, vae educando a intelligencia, rasgando vasto campo para

exercer as aptidões artísticas do povo, que as tem incontestáveis. Nas vossas mãos está hoje entregue a direcção do município, e por isso a vós nos dirigimos para que nos auxiliéis com o vosso concurso para a criação de um museu regional que nos antolha ser um dos melhoramentos inadiáveis n'uma cidade da importância da nossa”.

É interessante verificar que esta exposição, datada de 24 de Outubro de 1901, foi transcrita na íntegra por José Leite de Vasconcelos, sucedendo a um artigo que publicou em 1903, em “O Arqueólogo Português”, órgão do Museu de que era director, intitulado “Projecto de um Museu Archeologico em Setúbal” (Vasconcelos, 1903). O autor tem desde logo a preocupação de clarificar a sua posição relativamente aos museus locais e, em particular, ao que a população culta de Setúbal vinha reclamando:

“(…) Comquanto eu pela minha parte me esforce sempre por trazer para Lisboa, para o Museu Ethnologico a meu cargo, todas aquellas antigualhas que encontro perdidas, mal estimadas ou deslocadas pelas províncias, – e dos arredores de Setúbal algumas tenho também trazido – , nem por isso deixo de ser apologista da fundação de museus locais (...). Setúbal, como capital da península da Arrábida, como cidade rodeada de estações archeologicas, entre as quais avulta a de Tróia, que é uma das mais celebres do país, merece bem um Museu Archeologico; e por isso é digna de entusiastico applauso a ideia da fundação proposta. Se a Ex.ma Camara pudesse adquirir a collecção que pertenceu ao fallecido Almeida Carvalho (...) teria nella um excelente começo de museu”.

Importa sublinhar, deste logo, a posição ambivalente de Leite de Vasconcelos: por um lado, assumia-se como defensor da criação de museus locais, naturalmente desde que garantidas as condições mínimas de dignidade e de funcionamento, como era claramente o caso de Setúbal, visto ser apoiado pela Câmara e pelo conjunto das personalidades mais relevantes da época a nível local; por outro, aproveitava, sempre que possível, a oportunidade para engrandecer o seu Museu, concebido como um museu do povo português, e por isso necessariamente feito à custa dos contributos oriundos de todas as partes do território nacional.

Esta intervenção na busca, publicação e obtenção dos testemunhos arqueológicos setubalenses encontra-se logo evidenciada no primeiro número de “O Arqueólogo Português”, datado de 1895, onde se debruça sobre uma importante inscrição funerária – a inscrição de *Galla* – encontrada em Tróia e noticiada no jornal setubalense “O Elmano”, a 29 de Outubro de 1883, a qual se encontra actualmente conservada no Museu Nacional de Arqueologia. A leitura definitiva da inscrição foi feita com a ajuda de um dos subscritores da Representação de 1901, Manuel Maria Portela, amigo de Leite de Vasconcelos e por este considerado “dedicado investigador das antiguidades de Setúbal” (Vasconcelos, 1895 a, p. 58). Tal realidade evidencia as boas relações por este mantidas com alguns ilustres da terra. Foram, aliás, essas boas relações que permitiram a Leite de Vasconcelos a exploração daquele importante sepulcro em pleno areal de Tróia, naquele mesmo ano de 1895, levando para o Museu não só o monumento epigráfico propriamente dito, mas também o espólio que lhe estava associado, acompanhado por outros objectos em poder do proprietário de Tróia e por oferta deste (Vasconcelos, 1895 b, p. 221; Vasconcelos, 1929, p. 52).

Este episódio é ilustrativo das facilidades de actuação de Leite de Vasconcelos em Setúbal, inclusive na obtenção de importantes testemunhos do seu passado, logo transportados para Lisboa, o que daria acrescida razão de ser à Representação acima mencionada, posterior a este episódio. Por outro lado, importa não desligar a realidade então vivida em Setúbal, no concernente à exploração do seu património arqueológico da observada em povoações próximas, como Alcácer do Sal. Também neste caso, foi o próprio Leite de Vasconcelos que noticiou a criação de um museu arqueológico local, “por iniciativa de pessoas verdadeiramente patrióticas”, devidamente apoiadas pela respectiva Câmara Municipal, que, em ofício-circular assinada pelo seu Presidente, de 12 de Dezembro de 1894, convidava todos a contribuir para o engrandecimento do mesmo (Vasconcelos, 1895 c, p. 46). Foi genuíno o júbilo de Leite de Vasconcelos que, numa carta dirigida a Bernardino Machado, datada de 5 de Novembro daquele ano, declara:

“Tive hoje carta de Alcácer em que se me diz que a Câmara fundou um museu para recolher as antiguidades de *Salacia*. Convidaram-me para lá ir, o que farei no próximo mês. – A arqueologia vai ganhando terreno. É caso para dizer: *Archeologos fortuna juvat*”. (Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 136).

Primeiramente instalado nos próprios Paços do Concelho, foram seus organizadores o P.e Francisco da Mata Galamba e Joaquim Correia Baptista, cujas excelentes relações com Leite de Vasconcelos estão comprovadas pelo artigo publicado a propósito de uma excursão realizada a Alcácer em Dezembro de 1894 (Vasconcelos, 1895 d, p. 65 e seg.), a convite de Joaquim Correia Baptista, então secretário da Câmara Municipal. Este último, logo no volume seguinte daquela revista, dá conta das descobertas recentes, efectuadas no aro de Alcácer, que vieram engrandecer o Museu (Baptista, 1896). Mas o afã genuíno no engrandecimento do Museu local, não o impediu de obsequiar Leite de Vasconcelos com peças de real importância arqueológica, que vieram enriquecer o museu de Lisboa. É o caso de uma urna cinerária romana, de pedra e com a respectiva tampa, mencionada em carta de J. Correia Baptista de 27 de Fevereiro de 1897, encontrada “perto do olival do Gentil” (trata-se da bem conhecida necrópole do Olival do Senhor dos Mártires), publicada por Leite de Vasconcelos na célebre obra “Religiões da Lusitânia” (Vasconcelos, 1913, p. 376).

Verifica-se, pois, que, à época, a constituição deste, como de outros museus municipais, não se afigurava incompatível, nem para Leite de Vasconcelos, nem para os promotores daqueles, com o engrandecimento do acervo do grande museu arqueológico nacional, sediado em Lisboa.

É nesta perspectiva que devem ser abordadas e compreendidas as relações estabelecidas entre J. Leite de Vasconcelos e A. I. Marques da Costa. Com efeito, a colaboração científica prestada por Marques da Costa a Leite de Vasconcelos inicia-se, tal como a de Correia Baptista, no ano de 1896, pela publicação em “O Arqueólogo Português” do contributo, “Antiguidades dos arredores de Setúbal 1. Povoação romana de Alferrar”, o primeiro de uma

longa série que só viria a terminar muitos anos depois, no número 29 daquela Revista, publicado em 1933, no ano do falecimento do seu Autor.

As relações de Marques da Costa com Leite de Vasconcelos inserem-se, assim, na estratégia, por este delineada, de possuir na província cultores de antiguidades, susceptíveis de serem, ao menos em parte, carreadas para o Museu Etnológico, a troco da concessão de uma merecida projecção científica àqueles que o auxiliassem, proporcionada pela publicação, nas páginas do órgão oficial do Museu, dos resultados das respectivas investigações.

No entanto, ao contrário dos seus colegas de Alcácer do Sal, eles próprios fundadores de um museu arqueológico – pelo que a opção era simplesmente entre o que deveria ficar em Alcácer do Sal e o que poderia ser oferecido ao sábio da capital – o arqueólogo sadino encontrava-se, neste aspecto, confrontado com situação mais complexa: de um lado, o seu interesse em manter com o fundador do Museu Etnológico cordiais relações de carácter científico, que lhe garantiam tribuna de prestígio nacional e internacional para a publicação dos estudos que desejava prosseguir; do outro, a relação de urbanidade que deveria manter com os seus conterrâneos, empenhados na dignificação do património cultural da cidade, o que passaria, naturalmente pela criação de um Museu local onde estivessem representadas as antiguidades arqueológicas que ele próprio vinha arrancando da terra.

Na resolução deste dilema, Marques da Costa optou por relação preferencial com Leite de Vasconcelos, sem quebra da partilha dos princípios pugna-dos pelos seus conterrâneos, aliás facilitada pelo seu carácter bondoso, honesto, competente, inteligente e muito ilustrado, conforme se encontra referido nas folhas de informação de serviço do seu processo individual como militar, entre 1880 e 1905 (Arquivo Histórico Militar, Processo Individual de António Inácio Marques da Costa, Cx. 2235).

A conciliação entre as duas alternativas é ilustrada pelo facto de ter subscrito a Representação acima referida, para a constituição de um Museu em Setúbal, datada de Outubro de 1901, numa época em que as suas relações de amizade com Leite de Vasconcelos se encontravam já plenamen-

te consolidadas. Mas esta posição apenas poderia ser aceite, como foi, por parte dos seus contemporâneos, por se encontrar suportada por uma irrepreensível credibilidade pessoal e científica, que jamais foi questionada.

Marques da Costa encontrava-se sem dúvida empenhado na protecção e valorização do Património local. A evidente preocupação com a defesa destes valores, mesmo dos aparentemente mais difíceis de compreender por parte da população em geral, como é o caso do morro onde se implantou o povoado pré-histórico da Rotura, encontra-se comprovada pelo seguinte trecho, a ele respeitante:

“Actualmente a extracção de pedra na collina da Rotura é feita com o auxílio da pólvora, e com tal incremento que dentro em pouco desaparecerão todos os restos da antiga fortificação. Sirva isto de aviso aos futuros investigadores que, por effeito da barbara indiferença a que por todo o pais se vota a tudo o que não é de utilidade physica immediata, podem sofrer a decepção de não encontrarem o menor vestígio d’esta estação prehistorica” (Fig. 4) (Costa, 1903, p. 50).

Note-se que este texto, tal como outros que, a partir desse ano de 1903, vieram regularmente a lume em “O Arqueólogo Português”, foram produzidos quando a questão da existência condigna de um Museu municipal em Setúbal estava no auge, com os esforços da autarquia setubalense em manter na cidade os seus bens culturais e, se possível, acrescentá-los, com a incorporação – como se sabe sem sucesso – dos espólios da “Sociedade Arqueológica Lusitana”. Disso nos dão conta as notícias publicadas no jornal local “O Elmano”, a 13 de Março e a 6 de Maio de 1903 e a 19 de Julho de 1905; neste último número, lê-se o seguinte, na primeira página:

“(…) podemos também lembrar o município de Alcácer, o qual de importância muito menor do que a do nosso nos sobreleva briosamente com o seu museu, já bastante apreciável pelas collecções numismática, lapidar e de cerâmica romana; na aquisição de cujos exemplares e na organização das suas secções tem lidado insistentemente e com a competência própria da sua illustração o digno secretário da municipalidade sr. Correia Baptista.



Fig. 4 - Foto do povoado pré-histórico da Rotura, observando-se a pedra, ainda em exploração aquando das pesquisas de A. I. Marques da Costa, e por este reproduzida em 1926, no 2º. número da revista “Cetóbriga” (16 de Março de 1926). Ver também a carta - Documento 5965 deste trabalho, onde esta foto se menciona.

Oxalá que a nossa vereação, inspirando-se n’aquelles exemplos, redobre de esforços para dar ao instituto histórico e artístico a que alludimos a importância que elle deve ter na terceira cidade do reino, fazendo d’esse modo desaparecer a falta deprimente que nos apontam os nossos visitantes”.

Estes argumentos não terão tido em Marques da Costa suficiente acolhimento, pois que não o vemos envolvido, na prática, na promoção daquele objectivo. Conhecedor profundo dos meandros políticos da cidade e das características pessoais da maioria dos seus contemporâneos, parece não lhes ter dado grande crédito, e com razão: a tão proclamada reforma e engrandecimento do Museu Municipal jamais passou de uma intenção sem consequências práticas, na sua época, apesar de todo o alarido provocado em torno desta matéria.

Os seus esforços privilegiaram, pois, correctamente, a produção de estudos que, pela sua valia, sempre tiveram bom acolhimento nas páginas de “O Arqueólogo Português”, conferindo-lhe visibilidade muito superior àquela que lograria, confinado aos recursos existentes em Setúbal. Tal projecção, cimentada por uma efectiva e duradoura relação de amizade estabelecida com Leite de Vasconcelos, explica o facto de a sua notável colecção arqueológica, reunida ao longo de mui-

tos anos de trabalhos e explorações, ter sido dada ao Museu Etnológico, onde deu entrada em 1936, três anos depois do falecimento de Marques da Costa (Machado, 1965, p. 68), em detrimento da autarquia setubalense, cujo museu só viria a constituir-se muitos anos depois, integrando a colecção arqueológica de Arronches Junqueiro, entretanto guardada, sem honra nem proveito, numa dependência municipal.

António Inácio Marques da Costa, nasceu a 15 de Março de 1857 na freguesia de Pousos, concelho de Leiria, filho de Miguel da Costa e de sua mulher Maria Inácia (Fig. 5). Casou em Setúbal, a 19 de Janeiro de 1931, com D. Edviges da Costa Guerreiro, natural de Leiria (Fig. 6), contando já 73 anos, vindo a falecer em Setúbal, na casa onde residia, de lesão cardíaca, a 29 de Agosto de 1933, com 76 anos (Fig. 7). Sabe-se que teria, pelo menos, dois filhos, mencionados na correspondência com Leite de Vasconcelos adiante transcrita na íntegra.

*** **

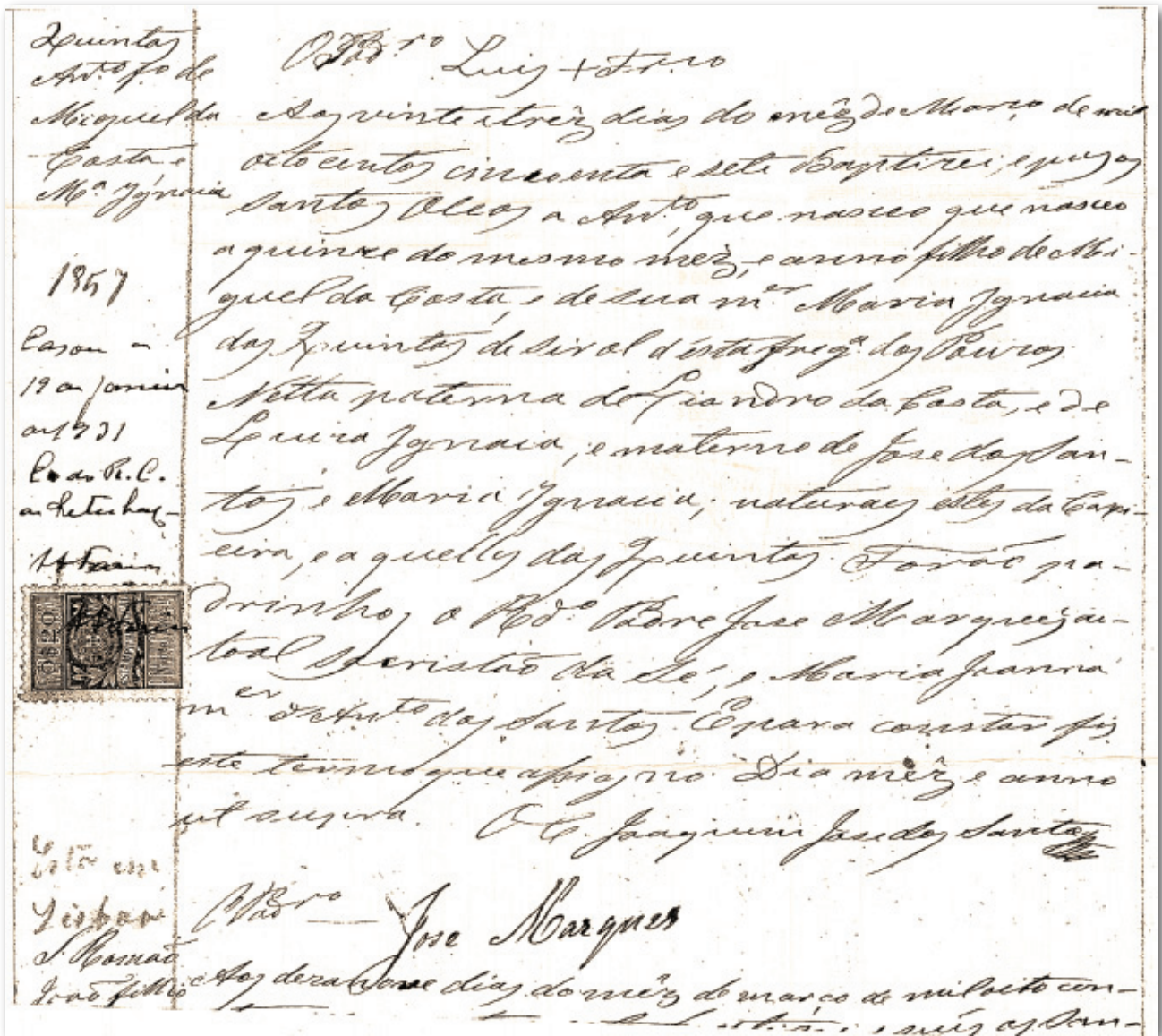


Fig. 5 - Certidão de nascimento de A. I. Marques da Costa.

Livro 42 1933 Fls. 280

REGISTO DE OBITO

AVERBAMENTOS

Registo N.º 537

António Inácio Marques da Costa

Doc. N.º 1.47

Dois documentos

Mora N.º

deu-se a hora e minutos do dia **trinta e nove** de **agosto** de **1897** em **uma casa da Rua Diario O Saluberrimo, numero 1111** da freguesia de **São Yuliano** da cidade faleceu de **lepra carbônica** um indivíduo de sexo **masculino** de nome **António Inácio Marques da Costa** de **setenta e seis** anos de idade, de profissão **tenente Coronel** **Impulso a república e a república de Portugal** **donatário de Leiria** descendente de **Luís de Sousa Galeano** filho legítimo de **Luís Miguel da Costa** no estado de **casado** com **Ymácia da Costa** já falecida nacionalidade **portuguesa**

O falecido era **casado com Ymácia Guerreiro da Costa, de quarenta e nove anos de idade, doméstica, natural de Leiria**

O falecido **não** deixou descendentes, sujeito a jurisdição arqueológica, deixou **uma** filha **casada** e o seu cadáver foi sepultado no cemitério de **Setúbal**

Foi declarado **Augusto Carlos da Silva** **viúvo, serrador, morador no sítio dos S. S. d. Alameda da cidade.**

Este registro, lavrado nesta Repartição às **doze** horas e **trinta** minutos, depois de lido e conferido com o seu extracto tal se arrolado por **Luís Lopes da Silveira** **Adjuncto do Conservador do Registo Civil de Setúbal** **propunha** **pedimento de cancelamento assinando o declarante** **primeiro padre.**

A importância das constatações e de **dez** **centos** e o do **ofício** **destinar** **pelo** **partido** **de** **cincoenta** **centos** **reales** **de** **Setúbal** **Repartição do Registo Civil de** **Tróia** **de** **agosto** **de** **1897**

Luís Lopes da Silveira

Fig. 7 - Certidão de óbito de A. I. Marques da Costa.

Do seu processo individual, conservado no Arquivo Histórico Militar (AHM), verifica-se que ingressou como voluntário a 7 de Agosto de 1877 no Batalhão de Caçadores nº. 6, matriculando-se depois na Escola do Exército, em 1879, onde completou o curso da Arma de Infantaria (Fig. 8). Foi promovido a capitão a 26 de Dezembro de 1895, passando à reserva, por motivos de saúde, a 19 de Agosto de 1907, com o posto de Tenente-Coronel, atingindo a reforma, por limite de idade, a 31 de Julho de 1927 (Fig. 9); continuou, contudo, a desempenhar as funções de Caserneiro Militar de Setúbal,



Fig. 8 - Fotografia de A. I. Marques da Costa, Tenente de Infantaria, pouco antes de se ter iniciado nas actividades arqueológicas que o celebrizaram.

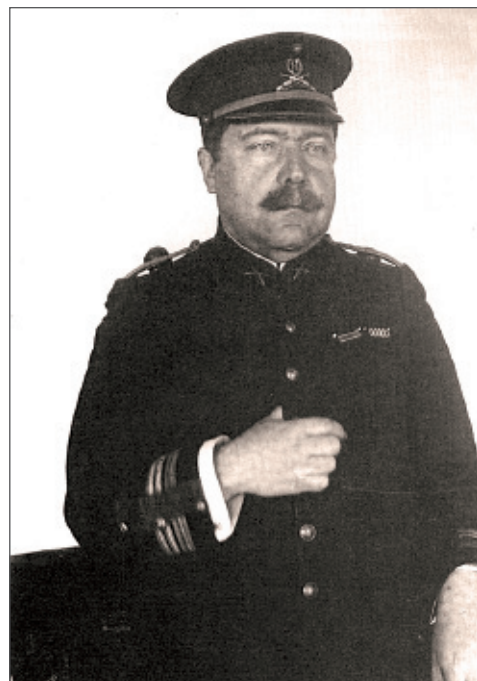


Fig. 9 - Fotografia de A. I. Marques da Costa, Tenente-Coronel de Infantaria, já depois de afastado do serviço activo.

para as quais fora nomeado a 1 de Maio de 1923. Com efeito, residia já em Setúbal desde muito antes, pois a 30 de Setembro de 1899, passou a prestar serviço no Regimento de Infantaria n.º 11 ali estacionado.

A sua actividade como Professor do Curso de Sargentos de 1886 a 1891, que antecedeu a direcção de Escola Regimental, cargo exercido entre 1896 e 1905 foi continuada, na área civil, como professor de matemática na Escola Popular, ao Largo de Santo António, de onde transitou para o quadro de professores do Liceu Bocage, também em Setúbal. Possuía trato “afável e bonomia de carácter” (Envia, 1947, p. 207), confirmando as informações contidas no seu Processo Individual castrense.

Envolveu-se na vida autárquica, fazendo valer os seus conhecimentos de Administração Militar, sendo administrador interino do concelho de Alcácer do Sal (cf. AHM, Processo Individual) e Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, também durante a I República, tendo pedido a demissão por questões políticas (Envia, 1947, p. 207).

Já interessado pela Arqueologia da região em que nasceu, a ele se deve a importante descoberta, em 1872, do mosaico romano de Martim Gil (Leiria), de onde foi removido um fragmento depositado no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses. O desenho então efectuado só foi publicado muitos anos depois, pelo próprio, em 1905 (Fig. 10).

Os seus primeiros contributos sobre a arqueologia da região de Setúbal referem-se aos vestígios romanos de Alferraz, publicados em “O Arqueólogo Português” (1896), pequena notícia a que já atrás se fez referência e aos da própria área urbana de Setúbal, publicando em “O Elmano”, a 10 de Maio de 1897 “notícia sobre as ossadas na Rua Serpa Pinto” e, a 5 de Junho do mesmo ano, artigo intitulado “Sobre as ossadas na Rua Direita do Troino”.

Verifica-se, deste modo, que as relações com Leite de Vasconcelos ascendem, pelo menos, a 1896, como também se comprova pelas datas da correspondência, adiante transcrita. Por outro lado, importa não esquecer as relações familiares que José Leite de Vasconcelos possuía em Setúbal, pois era primo, como se disse anteriormente, de Ana de Castro Osório, personalidade de vulto da vida cul-



Fig. 10 - Desenho do mosaico romano de Martim Gil, Leiria, publicado em *O Archeologo Português* - Vol. X - 1905 (Costa, 1905, Fig. 2).

tural e económica setubalense. Contudo, a correspondência enviada por esta última ao então Director do “Museu Ethnológico Português” revela que, não obstante a proximidade de Lisboa, a frequência das visitas a Setúbal não era grande, queixando-se a escritora da pouca assiduidade do primo (Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 20).

Contributo interessante que se deve a Marques da Costa no âmbito do Património cidadão é a defesa do monumento geológico conhecido por “Pedra Furada”, igualmente amplamente noticiada na imprensa local: a tal propósito se referem notícias publicadas em sucessivos números de “O Elmano”, de 25 de Agosto, 1 de Setembro e 8 de Setembro de 1915.

É provável que os seus conhecimentos de Geologia tivessem sido obtidos aquando da frequência

da Escola do Exército. Com efeito, tais conhecimentos, evidenciados em vários dos seus estudos, levaram o eminente geólogo Paul Choffat, então o membro mais categorizado da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, a convidar Marques da Costa a publicar na prestigiada revista daquela Instituição, um artigo sobre tão peculiar ocorrência. Em tal estudo, o autor discute exemplarmente o modo de formação daquelas estranhas e raras estruturas tubulares de arenito ferruginoso, de forma ainda hoje actual (Costa, 1916), chamando assim a atenção dos poderes públicos para a preservação deste notável geomonumento.

Com efeito, aquela ocorrência não foi destruída, para o que muito contribuiu o empenho de Marques da Costa, viabilizando a merecida valorização, podendo hoje ser apreciada, mercê dos esforços desenvolvidos pelos que, na cidade, continuaram a velar pela protecção dos testemunhos do passado, mesmo dos que são anteriores à presença do próprio Homem, sendo de inteira justiça referir neste, como em outros processos, a acção consequente de Carlos Tavares da Silva.

Marques da Costa foi, também, o pioneiro dos estudos de dinâmica litoral da área do estuário do Sado, como bem documenta o contributo sobre a estação romana de Tróia (Costa, 1923/1924), discutindo, de forma pioneira, para a época, as causas da mudança relativa do nível do mar, determinante para a evolução verificada na linha de costa daquela estreita península arenosa.

Outro aspecto de carácter científico a que se deve aludir, é a preparação no domínio da antropologia física, evidenciada pelo estudo dos restos humanos recolhidos numa pequena cavidade natural existente do lado oriental do povoado pré-histórico da Rotura (Costa, 1904), logo depois destruída pela progressão da frente da pedra que então explorava os calcários miocénicos aflorantes (Fig. 11).

Enfim, a discussão da existência de uma Idade do Cobre, então na ordem do dia, também não lhe foi indiferente, designando-a por “Idade eo-metallica (ou do cobre e bronze primitivos)”, a propósito da análise e descrição exaustivas dos objectos recolhidos na Rotura, em Chibanes e nas grutas da Quinta do Anjo, incluindo diversos objectos de ouro (Costa, 1907, 1908).

Além da exploração do povoado pré-histórico da Rotura, descoberto na década de 1860 pelo pessoal da antiga Comissão Geológica de Portugal, provavelmente pelo próprio Carlos Ribeiro, do qual foram reproduzidas a cores várias peças do seu espólio, em belas litografias destinadas a obra sobre a Pré-História portuguesa, a apresentar à Exposição Universal de Paris, de 1867 a qual, no entanto, jamais viria a ser concluída (Carreira & Cardoso, 1996), deve-se a Marques da Costa, no concernente à Pré-História, a identificação e exploração de importantes estações pré-históricas do aro de Setúbal. Os resultados destas investigações encontram-se reunidos em livro (Costa, 1910 a) (Fig. 12), que incluiu todos os artigos publicados em “O Arqueólogo Português” entre 1902 e 1910: 7 (1902), p. 275-282; 8 (1903), p. 47-52; 137-148; 266-274; 9 (1904), p. 145-153; 10 (1905), p. 185-193; 11 (1906), p. 40-50; 12 (1907), p. 206-217; 320-338; 13 (1908), p. 270-283; 15 (1910), p. 55-83.

Ao longo do litoral, identificou e explorou diversas estações pré-históricas, como as da Comenda, do Outão e de Galapos, destacando-se o castro de Chibanes, com ocupações calcolíticas, da Idade do Ferro e romano-republicana, que claramente caracterizou (Costa, 1910 b).

Deve-se também a Marques da Costa a conclusão da escavação das quatro grutas artificiais da Quinta do Anjo, exploradas anteriormente por António Mendes, sob direcção de Carlos Ribeiro, entre 1876 e 1878 (Leisner, Zbyszewski & Ferreira, 1961, p. 8). Com efeito, as suas investigações, efectuadas em 1906, concentraram-se sobretudo nos corredores e nas zonas vestibulares das estruturas funerárias, que ainda não tinham sido convenientemente escavadas, proporcionando a recolha de materiais muito importantes (Costa, 1907), que se vieram juntar aos exumados no século XIX, e conduziram, pela primeira vez, ao conhecimento do traçado completo de cada uma das grutas, também por si publicado (Costa, 1907) (Fig. 13), completando deste modo as plantas efectuadas por António Mendes, publicadas anteriormente (Cruz, 1906, Est. II).

Foi, ainda, naquele ano de 1907 que Marques da Costa publicou o seu “Esboço da carta dos arredores de Setúbal indicativo das estações prehistóricas e romanas”, com três símbolos, relativos às

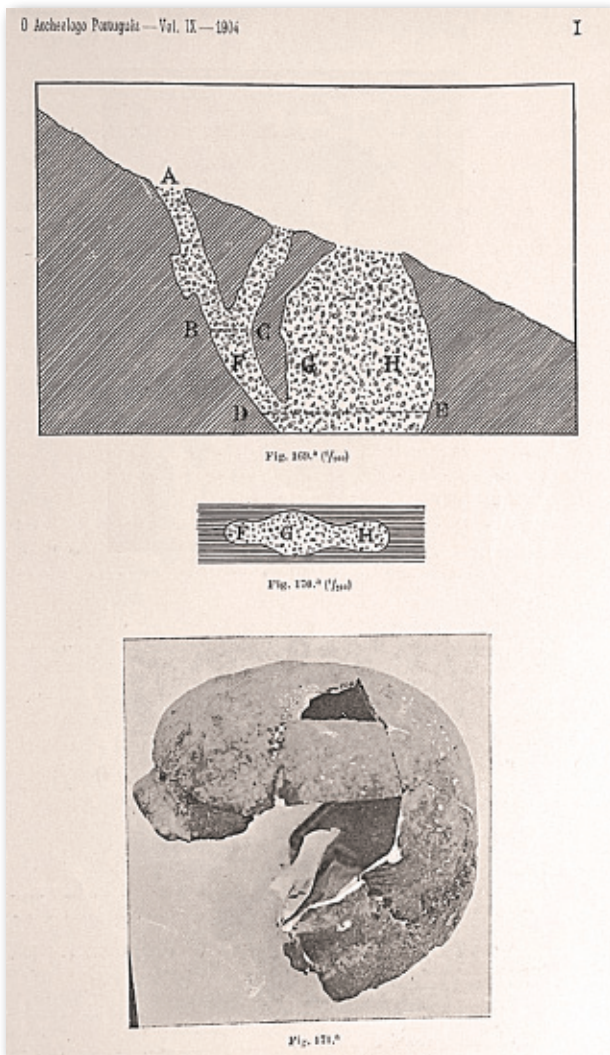


Fig. 11 - Perfil da lapa da Rotura, situada do lado oriental do povoado pré-histórico, e crânio ali exumado e depois estudado por A. I. Marques da Costa (Costa, 1904, Fig. 169 a 171).

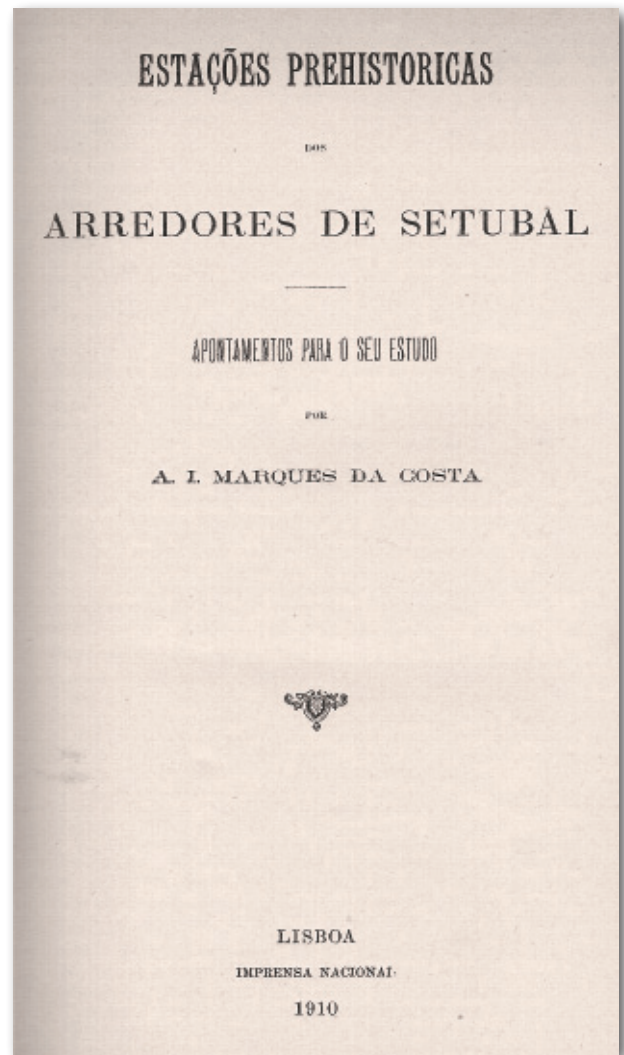


Fig. 12 - Folha de rosto do livro que reuniu as separatas dos artigos publicados em "O Archeologo Português" da série "Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal", entre 1902 e 1910.

estações pré-históricas; estações romanas "muito acentuadas"; e "estações romanas de que restam poucos vestígios", abrangendo a parte oriental da Arrábida, desde o Portinho até à península de Santa Catarina, já em pleno estuário do Sado, e da região de Palmela até Tróia (Fig. 14). Trata-se de um notável documento, onde quase todas as estações arqueológicas assinaladas permaneciam inéditas, com excepção, naturalmente, do povoado pré-histórico da Rotura, das grutas da Quinta do Anjo e da estação romana de Tróia. As prospecções efectuadas muito mais tarde, de forma ocasional ou integrada, vieram, sempre, a confirmar o rigor das localizações ou das

observações por si apresentadas. No caso das estações da época romana, avulta a quantidade de sítios por si identificados, mesmo em zonas de coberto vegetal denso, como é o caso das ruínas romanas do Creiro, cuja importância foi confirmada muitos anos depois pelo signatário, ao ter localizado, em 1971, os restos de uma cisterna (Fig. 15), no rebordo de pequena plataforma que, após as escavações dirigidas na década de 1980 por C. Tavares da Silva e colaboradores, se verificou pertencer a complexo fabril de preparados de peixe.

Outra evidência do rigor de Marques da Costa diz respeito à caracterização do complexo roma-

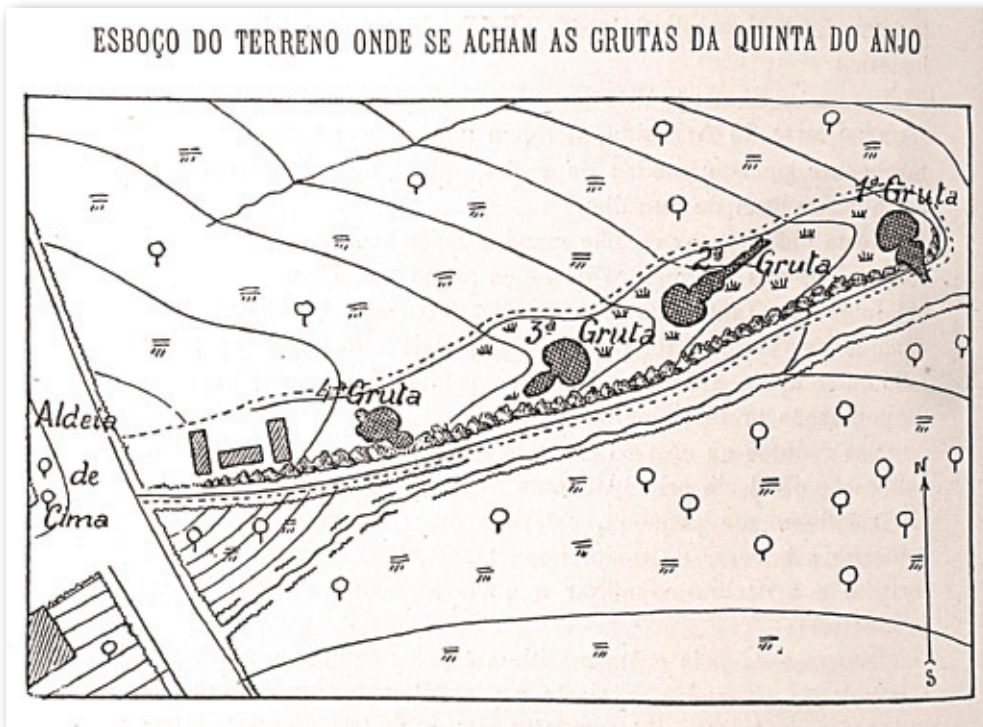
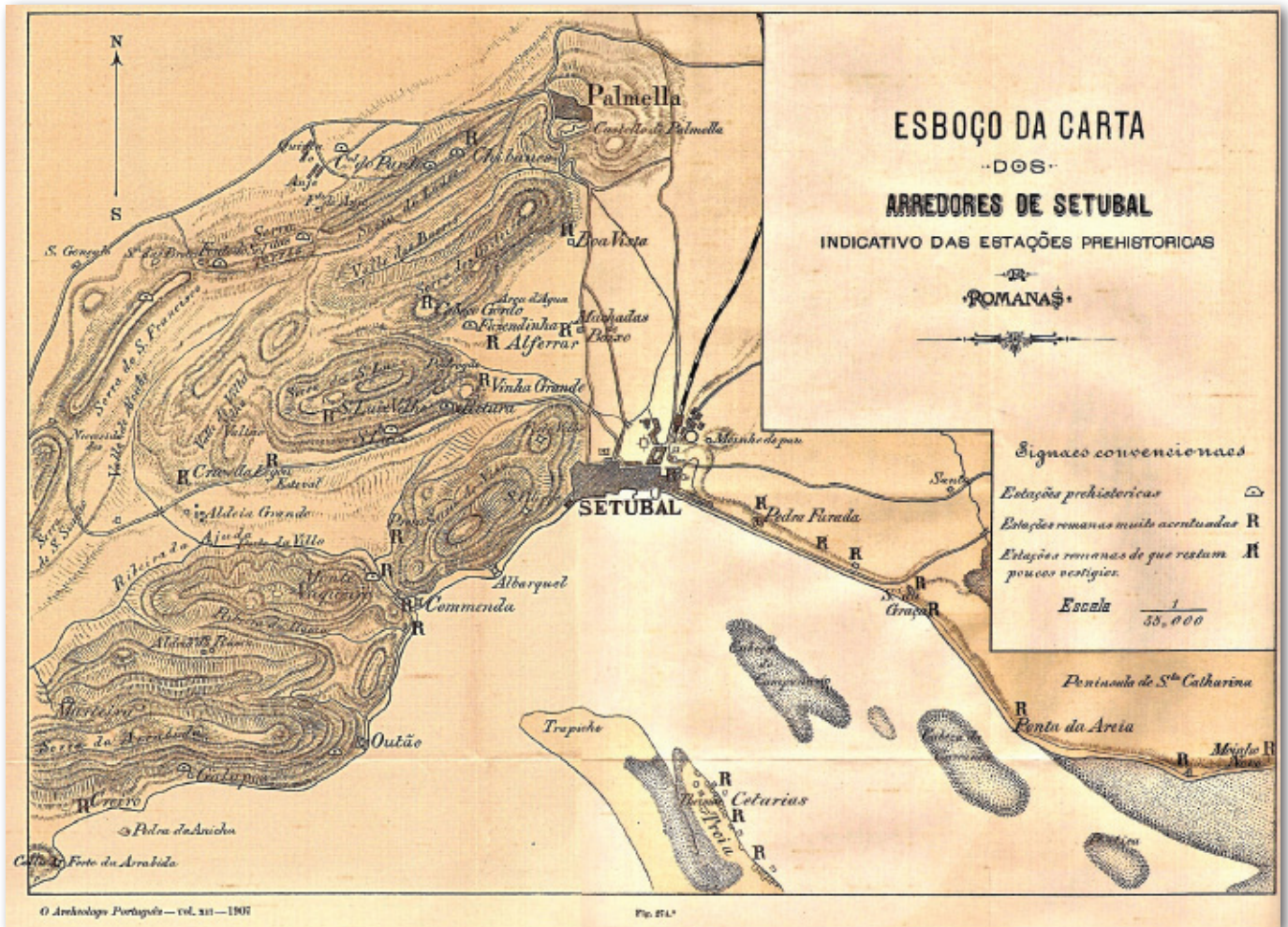


Fig. 13 - Planta de localização das grutas da Quinta do Anjo (Costa, 1907, Fig. 278).

Fig. 14 - Carta arqueológica dos arredores de Setúbal (Costa, 1907, Fig. 274).



no da Comenda, integrando uma barragem para a retenção de água doce, a montante, depois conduzida por um canal até uma instalação fabril de preparados piscícolas, localizada na margem esquerda da foz da ribeira da Ajuda (Fig. 16) (Costa, 1905). Estudo ulterior permitiu confirmar plenamente as observações de Marques da Costa (Quintela, Cardoso & Mascarenhas, 1986, p. 71).

À estação romana de Tróia, dedicou os últimos contributos publicados por si em “O Arqueólogo Português”. O título geral que lhes deu: “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal”, prova bem que pretendia prosseguir, depois da publicação das suas investigações em Tróia, com outras estações romanas do aro setubalense. Assim, nos números 26 (1923/1924), p. 314-328; 27 (1925/1926), p. 165-181; e 29 (1930/1931), p. 2-31, apresentam-se sucessivos contributos sobre aquela estação, depois de ter inaugurado este domínio de estudos com artigo publicado muitos anos antes, em 1898, nas páginas da mesma revista. A aludida série de artigos, cujas ilustrações bem evidenciam a importância dos trabalhos ali conduzidos por Marques da Costa (Fig. 17), foi deixada incompleta, pelo falecimento do autor em 1933, ano da publicação do volume 29 de “O Arqueólogo Português”, relativo a 1930/1931, o último que contém colaboração sua.

É provável que o esmorecimento da publicação naquela revista dos resultados das suas investigações em Tróia se deva a problemas de saúde, já que, no fim da vida, além da lesão cardíaca que tinha justificado a sua precoce passagem à reserva, com apenas 50 anos, estava muito gordo, aspecto denunciado pela escrita irregular e pouco firme patente nas últimas missivas. Acresce ainda a dificuldade de relacionamento com Manuel Heleno, sucessor de Leite de Vasconcelos à frente do Museu e daquela Revista, como se deduz da correspondência adiante transcrita.

Talvez o facto de não lhe ter sido possível concluir a série de artigos dedicados à presença romana em Tróia, que iria ter natural continuidade em outras estações da mesma época do aro setubalense, tenha justificado o facto, aparentemente insólito, de não ter feito qualquer referência à necrópole de S.



Fig. 15 - Restos de cisterna fotografada pelo autor em 1971, no Creiro (Portinho da Arrábida), em local já assinalado por Marques da Costa e depois explorado pelo MAEDS, na segunda metade da década de 1980, conduzindo à identificação de um complexo fabril de preparados piscícolas.

Sebastião, situada na área urbana da cidade, descoberta ocasionalmente aquando da abertura do túnel ferroviário e por ele explorada nos primórdios do século XX. Com efeito, a primeira referência publicada sobre a mesma remonta apenas a 1964 (Silva & Cabrita, 1964, p. 8), transcrevendo um excerto de obra inédita de Arronches Junqueiro:

“quando se abriu o túnel para o Caminho de Ferro, encontraram-se algumas lucernas de barro, que o tenente-coronel Marques da Costa obteve para a sua colecção, onde deverão existir”.

Contudo, como bem assinalou ulteriormente um dos autores do estudo citado, não foram apenas as citadas lucernas, os materiais que Marques da Costa logrou obter. Apontamentos manuscritos do próprio, conservados na Biblioteca Municipal de Setúbal mostram que ali dirigiu explorações arqueológicas de vulto, conducentes à identificação de diversos tipos de sepulturas e à recolha de espólio diversificado, cerâmico e metálico, cujas caracterís-



Fig. 16 - Carta arqueológica do vale inferior da ribeira da Ajuda, com indicação da barragem romana e do aqueduto que dali partia, em direcção às instalações fabris de preparados piscícolas existentes junto à confluência com o Sado (Costa, 1905, Fig. 181).

ticas indicam época predominantemente tardo-romana (Silva, 1966, p. 577).

Qualquer que tenha sido a razão de, em vida, Marques da Costa jamais se ter referido a esta estação arqueológica, que comprovava claramente a ocupação romana do solo citadino, antes das descobertas efectuadas pelo seu quase homónimo José Marques da Costa (Costa, 1960), ela não foi considerada na discussão que apresentou sobre a localização de Cetóbriga, no decurso de sucessivos números da revista quinzenal ilustrada "Cetóbriga", publicada em Setúbal. Com efeito, desde o

seu número 2, até ao seu número 5, publicados entre os meses de Março e Maio de 1926, são analisadas as diversas hipóteses, concluindo Marques da Costa que a localização daquela cidade romana no castro de Chibanes, "era não só possível como até provável" (Costa, 1926, p. 7). Com efeito, aquela estação possuía, como ele próprio demonstrou, uma ocupação dos finais da Idade do Ferro e romano-republicana, condizente com o sufixo "briga", que obrigava a considerar um sítio alto e fortificado. Negligenciou, assim, a hipótese de Cetóbriga ter sido a actual cidade de Setúbal, apesar dos achados de

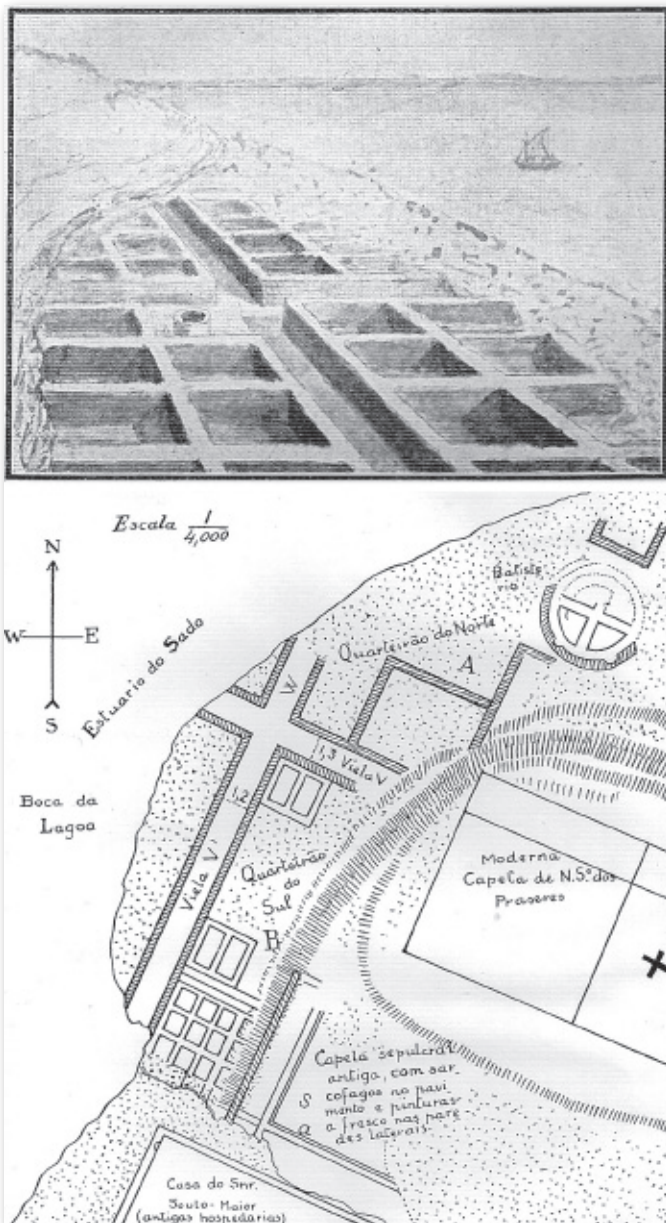


Fig. 17 - Desenho de grupo de cetárias de Tróia (Costa, 1929, Fig. 7) e esboço à vista da planta das ruínas da antiga povoação romana em Tróia junto à Boca da Lagoa (Costa, 1930/1931, Fig. 22).

que tinha conhecimento e, até, da existência de uma colina – a colina de Santa Maria – hoje dissimulada pela malha urbana, desconhecendo-se, contudo, até ao momento, quaisquer vestígios de circuito muralhado, o que não significa que este não tivesse existido.

*** **

A correspondência enviada por Marques da Costa a J. Leite de Vasconcelos e conservada no Epistolário do fundador do Museu Etnológico Português, compõe-se de 30 documentos autógrafos, dos quais 29 se encontram datados invariavelmente de Setúbal, entre 19/1/1896 e 14/6/1932.

Desde o início da correspondência que se evidencia o desejo de Marques da Costa estabelecer com Leite relações de colaboração científica, oferecendo-se para lhe servir de guia a locais onde localizara vestígios arqueológicos, tanto pré-históricos como proto-históricos ou romanos. Desses aturados trabalhos de campo viria a resultar, como se disse, a sua carta arqueológica das vizinhanças de Setúbal, publicada em 1907 nas páginas de “O Arqueólogo Português”. Por exemplo, em 1902, declara ter-lhe já reservado quarto no Hotel Francez “que me parece nas condições que deseja. Por ora não há mosquitos e muito desejo que venha aqui sentir melhoras do estômago”, o que revela a eventualidade de estadas mais prolongadas na cidade. O desejo de agradar a Leite, oferecendo-lhe peças arqueológicas de merecimento é, também, uma constante na correspondência. A propósito de um achado arqueológico efectuado em Alcácer do Sal, pelo seu amigo Joaquim Correia Baptista, declarou: “Se eu fizesse um achado semelhante ficava doido – Só em testamento o deixaria ao Museu Ethnológico, com a condição de me não desejarem a morte” (carta de 22 de Outubro de 1902). No caso, trata-se de uma inscrição com caracteres da escrita ibero-turdetana, gravada numa pequena placa de xisto incompleta, com furo de suspensão numa das extremidades, publicada por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914, p. 304; Beirão & Gomes, 1985, Fig. 6).

Em resultado deste procedimento, ilustrado com diversos exemplos ao longo das missivas que enviou a Leite, Marques da Costa teve a oportunidade de publicar os seus estudos e pesquisas nas páginas de “O Arqueólogo Português”; com efeito, quase toda a obra científica de Marques da Costa se encontra inserida naquela revista, com excepção das pequenas notícias publicadas no jornal local “O Elmano” e da série de cinco artigos em continuidade, publicados em outro periódico setubalense, a revista “Cetóbriga”, entre Março e Maio de 1926;

nalguns casos, as explorações realizaram-se com a preocupação de salvar os respectivos espólios da destruição; foi o caso, já atrás referido, do povoado pré-histórico da Rotura e, em particular, da pequena cavidade natural existente na escarpa oriental daquela estação, antes que fosse destruída pela progressão da pedreira, então em laboração, conforme o mesmo declara:

“Como a rocha andasse em exploração, e por isso tanto a lapa como os objectos archeologicos que continha estivessem em risco eminente de serem destruídos pelos cabouqueiros, apressei-me a mandar extrahir da gruta tudo o que nella havia até a rocha viva, tendo o cuidado de examinar a disposição dos entulhos (...)” (Costa, 1903, p. 267-268).

A tais explorações se refere no postal enviado a J. Leite de Vasconcelos a 7 de Novembro de 1902:

“Desejo que venha para aqui, como disse que tencionava fazer, para lhe mostrar alguns objectos que encontrei n’uma gruta sepulchral na Rotura. Tenho esboçada a noticia d’elles para o Archeologo”.

A propósito das explorações efectuadas no povoado pré-histórico da Rotura, declara, em carta de 24 de Março de 1903, o seguinte:

“Tenho achado ultimamente na Rotura 18 pontas de flexa, 3 lanças, 8 placas e muitas raspadeiras tudo de sílex. Também tenho muitos instrumentos de osso e alguns de cobre. Venha para ver tudo”.

As placas a que alude, são certamente os elementos de tear de formato paralelipipédico, perfurados nos quatro vértices, de que recolheu numerosos exemplares. Estes achados aguçavam, naturalmente, a curiosidade e o interesse de Leite, que se terá tornado visita de Marques da Costa, até pela facilidade de ir e vir no mesmo dia a Setúbal, mas não certamente com a assiduidade que sua prima Ana de Castro Osório desejaria, como já antes se referiu. É curioso verificar que a mobilidade, apesar dos grandes investimentos efectuados desde então, não se reflectiu grandemente nos tempos de deslocação

entre Lisboa e Setúbal, desde então verificada. É o que se conclui do seguinte bilhete postal, datado de 12 de Setembro de 1904, que também tem o interesse de indicar a pernoita de Leite não apenas em Setúbal, mas também noutras residências dos arredores, como é o caso do Palácio da Comenda, junto à foz da ribeira da Ajuda:

“Quando no domingo cheguei de S. Braz eram 7 / ½ horas da noite e como tinha a certeza de que o meu Am.º ainda não tinha saído de Albarquel, supuz que ficasse lá a noite julgando que o comboio partia às 8 horas e que não teria tempo de chegar à estação.

Enganei-me. O comboio é as 8 ½ e a D. Ana disse-me que tinha saído de Albarquel às 7 ¾.

Também a D. Ana me disse que voltava cá no domingo. É verdade?”

Ou seja, demorou apenas 45 minutos a chegar de Albarquel à estação de comboio de Setúbal, por certo em charrete puxada a cavalo, tempo seguramente inferior ao necessário para percorrer a mesma distância num fim de tarde estival dos nossos dias.

Esta D. Ana é, naturalmente, a já referida escritora Ana de Castro Osório.

A missiva de 26 de Julho de 1905 comprova o continuado envio para o Museu de Belém de materiais arqueológicos (ainda que não considerados de primeira importância):

“Incluzo lhe remetto a guia de 1 caixote contendo louça romana.

São os fragmentos de uma amphora que se pode restaurar e que exhumei do terreno adjacente à capella de N.ª. S.ª. da Graça situada a 5 kilometros a este de Setúbal na margem N do estuário do Sado.”

Em contrapartida, prosseguia a bom ritmo a publicação de artigos científicos de sua autoria em “O Arqueólogo Português”.

A carta de 11 de Janeiro de 1906 revela o tom familiar e de fraternal amizade estabelecido entre ambos, tendo ainda o interesse de mostrar um tratamento familiar e carinhoso para com Leite de Vasconcelos, incompatível com a aura de austeridade e distanciamento característicos deste no trato com seus os cole-

gas académicos, onde o formalismo era, naturalmente, utilizado como defesa, em convivências nem sempre pautadas pela lealdade.

A propósito de uma troca de fotografias para publicação, lê-se o seguinte:

“Mereço pois desculpa? Já não me mette as tampas dentro? Com respeito aos números das photographias, teria vontade de dizer como os meninos “Eu cá não fui; foi o Sr. Dr. Leite que fez essa maldade”. Mas como o nosso Leite o que fez foi por bondade, só digo que tudo se harmonizará quando vierem as provas para eu rever.”

Por este trecho se pode vislumbrar, também, a bondade e a bonomia do carácter de Marques da Costa, como acima se disse.

A correspondência torna-se, depois, mais escassa, apesar de a publicação da série “Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal” prosseguir, com o resultado das escavações efectuadas nas grutas da Quinta do Anjo (Palmela) em 1907, 1908 e 1910 e com o trabalho dedicado às escavações do Castro de Chibanes (também no concelho de Palmela), onde encontrou materiais pré-históricos, da Idade do Ferro e já da época romana-republicana; a tal propósito, em artigo de 1908, diz o seguinte:

“Nas diversas excavações, que ahi mandei fazer, alem dos artefactos, em tudo semelhantes aos encontrados na Rotura e nas grutas da Quinta do Anjo, encontrei grande quantidade de outros de que não achei congenes nestas estações. Estes objectos na sua maior parte mostram, pela perfeição do seu fabrico e novos estilos de forma e ornamentação, que foram confeccionados em época posterior à dos encontrados na Rotura e Quinta do Anjo. Alguns d’elles são evidentemente coetaneos da 2.^a idade do ferro; e outros, mais modernos, foram sem duvida fabricados no tempo do domínio romano na península” (Costa, 1908, p. 279).

Tais conclusões foram inteiramente corroboradas pelas escavações que recentemente ali foram efectuadas, dirigidas por C. Tavares da Silva e J. Soares.

Apesar de se ter tornado, a partir dessa altura, escassa a correspondência remetida a Leite,

o cordial relacionamento entre ambos manteve-se, como se deduz do teor das missivas, por vezes a propósito da visita de Leite a algumas das estações arqueológicas anteriormente exploradas, como Chibanes (bilhetes-postais de 27 de Novembro de 1912 e de 9 de Fevereiro de 1913). Continua, também, a fornecer-lhe indicações de peças que mereciam ser adquiridas pelo Museu, como é o caso de um prato hispano-árabe de reflexos metálicos, observado em casa particular da vila de Redondo “em serviço da junta de inspecção aos mancebos recenseados para o exército” (bilhete-postal de 9 de Outubro de 1916).

Na correspondência, além de Ana de Castro Osório, raramente são mencionadas outras personalidades. Entre estas, conta-se Luís Chaves (1889-1975), preparador do Museu desde 1912 e depois, Conservador do mesmo a partir de 1916 até à aposentação, em 1957, de quem se afirma amigo, e um certo Campos, provavelmente Manuel Joaquim de Campos (1847-1909), colector-preparador do Museu de 1902 a 1909 (Coito, Cardoso & Martins, 2008).

Aspecto de interesse é, também, o relacionado com a recepção, acusada pelo bilhete-postal de 15 de Novembro de 1913, da conhecida “Defensão do Museu Etnológico Português” folheto nesse mesmo ano publicado em que Leite defende a sua honra, depois de ter sido acusado de irregularidades de gestão, no tempo da monarquia, pelo deputado Eduardo de Almeida, em 1911 e em 1913, em diversas sessões da Câmara dos Deputados, incidente comentado, muito a propósito, em bilhete-postal datado de 15 de Novembro de 1913:

“Recebi o seu folheto «Defensão do Museu» o que muito agradeço.

Na ocasião de o receber soffri d’uma forte nevralgia na região occipital, que me tirou a vontade de ler.

Melhorei e li a Defensão há 2 ou 3 dias. Peço-lhe pois desculpa de não lhe ter agradecido há mais tempo como me cumpria.

A acusação de falta de honestidade na administração económica do Museu pareceu-me logo tão absurda e injusta que imediatamente julguei que só esse ponto da acusação devia desvirtuar todos os outros.”

Tinha razão Marques da Costa: Leite foi não só ilibado de qualquer irregularidade mas ainda objecto de uma Portaria de Louvor, de 19 de Junho de 1913, cerca de dois anos depois das primeiras acusações.

Sabe-se que Marques da Costa, ao tempo em que se ocupou da publicação das ruínas de Tróia em “O Arqueólogo Português”, se interessou pelo problema da localização de Cetóbriga, como mostram os cinco artigos publicados entre 16 Março e 2 Maio de 1926 na revista “Cetóbriga”, a que já se fez referência. Tal aspecto é também versado na correspondência. Com efeito, em bilhete-postal de 24 de Junho de 1930, lê-se:

“Sei que recebeu os 4 numeros da “Cetobriga” por m’os ter agradecido. Se já leu a “Localização de Cetobriga”, muito desejo que o meu Ex.º Amigo me dissesse uma de duas palavras a respeito da sua impressão. Basta dizer: Aprovo ou Reprovo, se não me quiser deixar passar pela tangente”.

Como já se referiu, o autor admitiu que a localização mais aceitável da antiga cidade romana corresponderia ao castro de Chibanes, sítio alto e fortificado condizente com o sufixo “briga”; mas terá também sido por isso que Leite de Vasconcelos, baseado em parte nos argumentos expostos por Marques da Costa, aventou, anos antes, a possibilidade de aquela se situar na Rotura, no segundo volume das “Religiões da Lusitânia” (Vasconcelos, 1905). A hipótese de Marques da Costa não terá, assim, recolhido a inteira concordância de Leite de Vasconcelos como se depreende do texto do bilhete-postal que lhe foi enviado a 30 de Julho de 1930:

“Agradeço a maçada que teve em ler a Cetobriga. Agora já não há remédio. No 2.º artigo ainda lá quis emendar uma coisa mas não me deram tempo e entendi que já não valia a pena”.

Tal oportunidade parece ter surgido no final do quinto e último artigo, quando declara, a propósito da origem da palavra Setúbal derivar de “Cetobriga”:

“Esta transformação porém segundo a autorizada opinião do Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, não está

de acôrdo com as leis da linguística portugueza, as quaes para tal acordo exigiriam que se dissesse e escrevesse Cedóbra e não Setúbal, pela conservação do ó tónico, da inicial C, pela mudança do t entre vogaes em d e pela transformação da terminação “briga” em bra, como em “Conimbriga” que se transformou em Coimbra (Vej. J. L. de Vasconcelos in “Archeol. Port.” Vol. I pag. 61)”.

Como se disse antes, a derradeira etapa do percurso científico de Marques da Costa reporta-se às investigações efectuadas em Tróia.

O interesse de tais artigos, justificou o pedido de esclarecimento sobre banhos romanos, apresentado por Leite de Vasconcelos e satisfeito na carta de 10 de Junho de 1932, onde Marques da Costa evidencia os conhecimentos que detinha sobre o assunto, assentes na bibliografia que consultou.

Com efeito, embora já em 1898, no vol. 4 de “O Arqueólogo Português” tenha publicado artigo sobre os edifícios ali observados, corroborando segundo ele, os movimentos que teriam provocado a alteração da sua posição relativa face ao nível das águas do estuário, foi nos volumes 26, 27 e 29, o último dos quais relativo aos anos de 1930/1931, mas somente publicado em 1933, que desenvolveu as suas importantes observações, infelizmente não concluídas, em consequência do seu falecimento, naquele último ano. Esta derradeira etapa pautou-se por algumas dificuldades, a que não será estranho o menor poder interventivo de Leite na organização da revista, que aparecia cada vez mais espaçada e atrasada: note-se o atraso com que o volume 29 se publicou, ainda agravado na publicação do último volume daquela série, o 30.º, que, datado de 1938, só foi de facto publicado em 1956!

Exemplo desta nova realidade é o bilhete-postal de 14 de Maio de 1930, já Leite se encontrava jubilado e afastado da direcção do Museu desde Março de 1929, com o consequente declínio do seu efectivo poder naquela instituição (da qual tinha sido, entretanto, nomeado “Director Honorário”, pelo Decreto n.º 16624, de 18 de Março de 1929). Nele, Marques da Costa solicitou o envio do volume 27 da revista, onde tinha publicado mais um artigo da série “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos ar-

redores de Setúbal”, acrescentando “se não puder mandar-me gratuitamente, mande-me dizer o seu custo”. Tais dificuldades neste caso expressas na obtenção de um simples exemplar da revista ao qual tinha naturalmente direito, resultaram de falta de receptividade do novo Director, o Doutor Manuel Heleno, apesar de serem conterrâneos como comentou em um outro bilhete-postal, de 4 de Junho de 1932, lamentando-se de continuar sem receber os volumes 28 e 29 de “O Arqueólogo Português”.

Esta atitude – que não era única nem se dirigia especialmente a Marques da Costa – da parte do Doutor M. Heleno é tanto mais reprovável quanto ser Marques da Costa um dos mais antigos colaboradores da revista, tendo inquestionavelmente contribuído para o seu justo prestígio, logo desde o segundo número publicado, no já então longínquo ano de 1896! Desanimado, declara a Leite de Vasconcelos: “Vou escrever ao Snr. Luís Chaves que conheço e me parece amigo a ver se sou bem sucedido”.

Os mal-entendidos persistiram, voltando Marques da Costa a instar com Leite, em carta de 14 de Junho de 1932, para o envio do volume 29 onde tinha publicado mais uma parte do seu estudo sobre Tróia, bem como do volume 28 “que conquanto não traga artigo meu, o Sr. Dor. Vasconcellos assim mesmo nos costuma mandar por sermos antigos amigos”. O motivo deste estranho e insólito episódio parece residir em atrasos na impressão do volume 29, onde se encontra publicado um dos estudos sobre Tróia. Com efeito, embora insista veementemente no envio deste volume, o mesmo não lhe podia ser enviado em 1932, uma vez que, segundo se sabe, só foi publicado em 1933 (Ribeiro, 1973), talvez mesmo depois do falecimento do interessado, ocorrido a 28 de Agosto daquele ano. O afastamento do seu amigo Leite de Vasconcelos da direcção do Museu, a ascensão ao lugar de pessoa pouco disponível para escrever, muito menos sobre questões consideradas menores, e, ainda, o estado de debilidade física e talvez psíquica de Marques da Costa, situação vislumbrada não só na sua escrita e caligrafia, como na própria clareza das frases das últimas missivas, explicam o estranho desfecho das suas tão justas quanto óbvias pretensões. Assim, uma situação

que lhe poderia ter sido facilmente explicada pelo próprio Manuel Heleno, foi, pelo contrário, agravada e avolumada, envolvendo mesmo o chefe da escola da Imprensa Nacional, onde era executada a composição tipográfica de “O Arqueólogo Português”. Foi, pois, de forma algo mesquinha, que se encerrou a correspondência iniciada em 1896 com Leite de Vasconcelos, sobre assunto por certo de pronto resolvido, caso ele dependesse apenas do empenho e da vontade do seu amigo.

Note-se que o costume de Heleno não responder a missivas de pessoas que lhe deviam merecer consideração era, ao que parece, situação frequente. Mesmo com eminentes arqueólogos, como o alemão Adolf Schulten, isso mesmo acontecia, aspecto que era criticado veladamente pelos próprios: transcreve-se, a tal propósito, um extracto de carta enviada por este a Leite de Vasconcelos a 12 de Dezembro de 1930, em curso de publicação pelo signatário (Cardoso, e.p.):

“Anime V. a Heleno mandarme foto de la parte del gran mosaico de Aemtejo con las figuras de hombre que pega a mujer. Escribi a Heleno, no contestó. Hasta ahora crei que el no contestar a cartas fuese mas-bien cosa de España! Que Dios le dee toda via muchos anos
s. s. a.

Schulten (assinatura)”

*** **

A terminar este breve apanhado sobre a vida e as obras de Marques da Costa, entre a Arrábida e Tróia, passando por Setúbal, fica-nos a imagem de um investigador metódico, rigoroso, cientificamente actualizado e que encarava a prática arqueológica de uma forma moderna, fazendo uso de diversos contributos de áreas científicas distintas, como a geologia, a antropologia, e a arqueozoologia. Foi um pioneiro nos estudos de Arqueologia Regional em Portugal, desde o metódico reconhecimento do terreno da região em que vivia, passando pela escavação e terminando na publicação definitiva e atempada dos resultados, a que não faltou a componente cartográfica e iconográfica de qualidade, sempre presente nos seus trabalhos, envolvendo por vezes restauros de materiais arqueológicos.

Foi sem dúvida esta última preocupação – a publicação adequada dos resultados – que sabia ser determinante na apreciação do seu trabalho, especialmente pelos vindouros, que o conduziu a privilegiar a relação científica com José Leite de Vasconcelos, que rapidamente conduziu ao estabelecimento de uma inequívoca amizade entre ambos: é essa faceta ética, humana e afectuosa que transparece da sua vida e obra científica. Por isso teria interesse o estudo dos seus manuscritos e inéditos, cuja compra, efectuada pelo Senhor Leonardo Pereira, antecedeu a oferta que o mesmo deles fez à Câmara Municipal de Setúbal, que “os guarda avaramente, na Biblioteca Pública” (Envia, 1947, p. 208).

O Homem não desmereceu o Cientista, cujo apego à Família – sua Mulher e seus filhos (Fig. 18) – não era menor que a consideração que lhe votaram grandes arqueólogos do seu tempo, como Hugo Obermaier, retribuindo as atenções deles recebidas

sempre de forma irrepreensível (Fig. 19). As numerosas citações da bibliografia arqueológica internacional da sua época, provam que se encontrava cientificamente actualizado adquirindo os livros que não conseguia por permuta com as suas próprias publicações, como se deduz de algumas obras onde após, pelo seu punho, o respectivo preço de compra.

A. I. Marques da Costa integrou uma pequena plêiade de arqueólogos portugueses dos finais do século XIX/inícios do século XX, que, mais ou menos ligados a Leite de Vasconcelos, como António dos Santos Rocha, Albano Belino, Francisco Tavares de Proença Júnior, Albino Pereira Lopo, Henrique Botelho e poucos mais, se distinguiram no estudo dos testemunhos arqueológicos das regiões em que viveram, deixando obras publicadas que ainda hoje, constituem repositórios preciosos de informação, a começar pela revista em que quase todos colaboraram: “O Arqueólogo Português”.

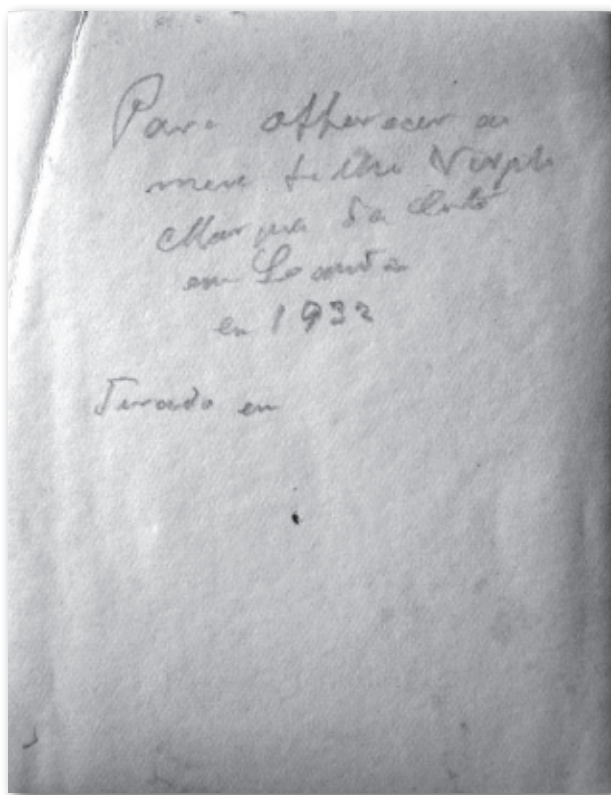


Fig. 18 - Foto de A. I. Marques da Costa, possuindo no verso, a lápis, indicação, datada de 1932, de que se destinava a um dos seus filhos. A letra, muito tremida e irregular, evidencia saúde débil, um ano antes do seu passamento (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

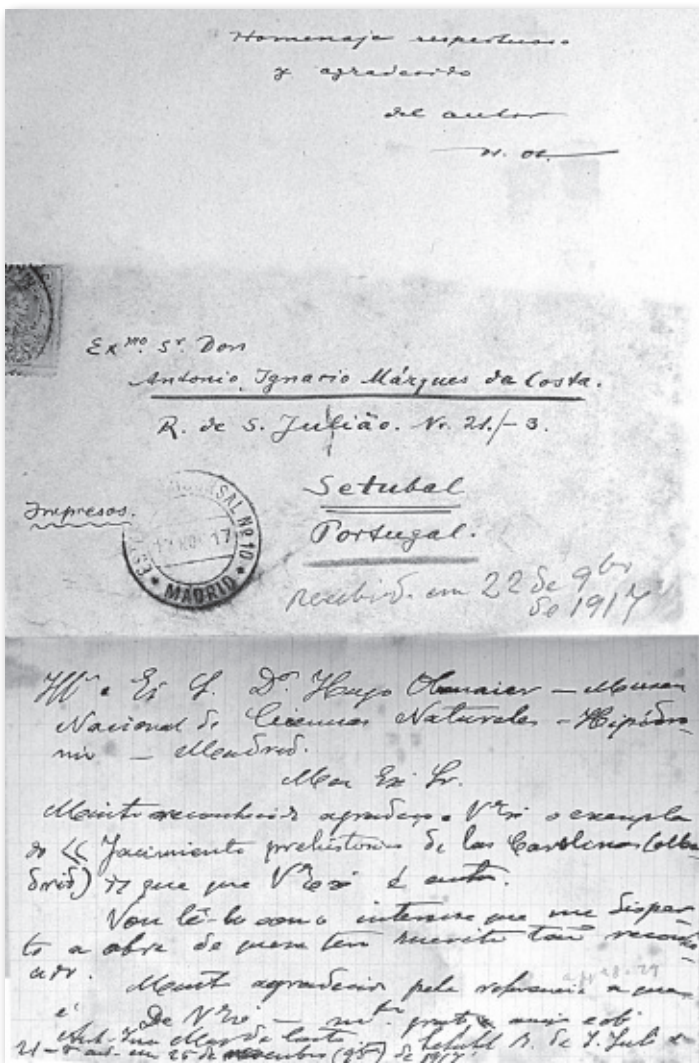


Fig. 19 - Dedicatória de Hugo Obermaier a A. I. Marques da Costa, aposta na monografia “Yacimiento prehistórico de Las Carolinas (Madrid)”, publicada em 1917 recebida a 22 de Novembro desse mesmo ano, como consta do respectivo sobrecrito, e minuta de resposta do próprio (arquivo JLC).

ANEXO

Correspondência de A. I. Marques da Costa para J. Leite de Vasconcelos conservada no Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia (1896-1932)

Carta (não completa); Documento 5939

Se a fig. 3 não está já gravada é melhor não a mandar gravar, porque o meu bom amigo viu o

sílex representado por essa figura e foi de opinião que não tem talhes intensionaes.

Também na noticia que já está em provas só há referencia á figura nº 1 (perfis nº 1 e 2) e á fig. 2, não fallando ainda na fig 3.

Convido-o para n'um domingo que se combinar darmos um passeio a Quinta do Anjo. Caso me queira obsequiar com a sua companhia diga-m'ó para com antecedência ter o trem fallado e dado recado para na Quinta do Anjo se arranjar casa onde possamos descansar no caso de necessidade.

Creia-me seu mt. amg. att.º e obr.º

António Ignacio Marques da Costa

Carta (não completa); Documento 5940

(...) de, S. Romão, que lhe ficava próxima.

Creio que estes vestígios são d'uma pequena povoação romana que existiu ainda no tempo dos mouros e a que elles deram o nome de Alferrara, que como se sabe quer dizer pequena aldeia.

Caso V.ª Ex.ª queira visitar estas ruínas, estou prompto a acompanhá-lo assim como a outros logares d'aqui próximos, onde há antiguidades bem dignas de serem observadas por indivíduos com a competência de V.ª Ex.ª. Há por exemplo a estação prehistorica da Pena (de que possuo alguns objectos, que supponho da época a que Mortillet chama Robenhosiana), umas setarias que descubri na Ajuda etc.

Longe de me incomodar V.ª Ex.ª muito me obsequiará se vier a Setúbal; pois terei occasião de muito aprender de V.ª Ex.ª. que já conheço por algumas obras que muito aprecio

Sou de V.ª Ex.ª

Mt.º att. e obg.

Setubal – Rua de S. Julião nº. 21 – 3º andar

19 de Janeiro de 1896

António Ignacio Marques da Costa

Carta; Documento 5941

Meu Exmo. Amigo

Setúbal 12 de Agosto de 1898

Incluso lhe remetto para ser publicado n'Ó Archeologo um artigo sobre algumas das ruínas da Tróia de Setúbal e cujos desenhos me mandou. O artigo vae sem prologo da mesma maneira que o do

Apollinario de que este é por assim dizer uma continuação; poderá porem o meu amigo preencher essa lacuna se assim o entender. Também na sua forma poderá fazer as modificações que julgar convenientes. – É provável que ainda escreva mais alguma coisa sobre as ruínas de Tróia e da Ajuda.

Fica ao seu dispor o que é

De V.^a Ex.^a

Mt. amigo att. e obg.

António Ignacio Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5942

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

Lisboa

Meu muito presado e Exmo. Amigo

Sou eu que tenho a agradecer-lhe a sua boa companhia, que por todos os motivos me é (???) agradável.

Já preveni condicionalmente no hotel Francez um quarto que me parece nas condições que deseja.

Por ora não há mosquitos e muito desejo que venha aqui sentir melhoras do estômago.

Os exames no Lyceu começam para os meus filhos no dia 1 de Julho; por isso só neste dia ou depois irei passar uns dias em Lisboa até fazerem ambos exame.

Creia-me

Seu mt. amigo obr.

António Ignacio Marques da Costa

Setúbal 18/5/902

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5943 (Fig. 20)

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

Lisboa

Meu bom amigo

Adquiri hoje as celebres contas que o Intru... digo o Coimbrão se dignou vender-me. Disse-me que as tinha guardado para mim. Que obsequiador!

São suas e entregar-lh'as-hei por estes dias em que vou a Lisboa.

Creia-me se

mt. Att.to amigo ob.

António Ignacio Marques da Costa

Setubal 23/6/902

Carta; Documento 5944 (Fig. 21)

Meu prezado amigo

Como agora ha ferias e o tempo parece estar seguro, relembro-lhe o convite que lhe fiz para irmos á Quinta do Anjo. Na volta viríamos pela Bacalhoa para observar a estatua que o nosso amigo Correia Baptista diz parecer-lhe romana e estar ar-
rumada a um canto.

Toda a colheita archeologica que eu fizer ou fizermos n'esse dia é para o meu amigo. Já vê que tenho vontade que venha.

Não me respondeu ainda ao convite que lhe fiz. Esta zangado comigo? Creio não haver razão para isso, em todo o caso peço-lhe que me responda e diga quando vem para ter o nosso passeio preparado.

O nosso amigo Correia Baptista escreveu-me de Alcácer, dando-me parte de um rico achado e que supponho que deve interessar bastante o meu amigo.

É uma espécie de amuleto de schisto com orificio de suspensão e tendo nas duas faces uns 9 caractéres ibericos. Vêem-se distinctamente os signaes X, M e 9. É pena que esteja partido. O fragmento que resta tem de comprimento 0,054m, de largura 0,019 e de espessura 0,007, segundo o desenho que me mandou o Baptista.

Se eu fizesse um achado semelhante ficava doido – Só em testamento o deixaria ao Museu ethnologico, com a condição de me não desejarem a morte.

Creia-me seu

mt. amigo e mt. obrigado

Setubal 22 de Out. de 1902

António Ignacio Marques da Costa

P.S. Não tenho apontada a direcção da sua casa: Como por estes dias a Bibliotheca esta fechada peço-lhe m'o diga para poder dar (???) a qual-
quer (???) lhe (???)

Seu etc. etc.

Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5945

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

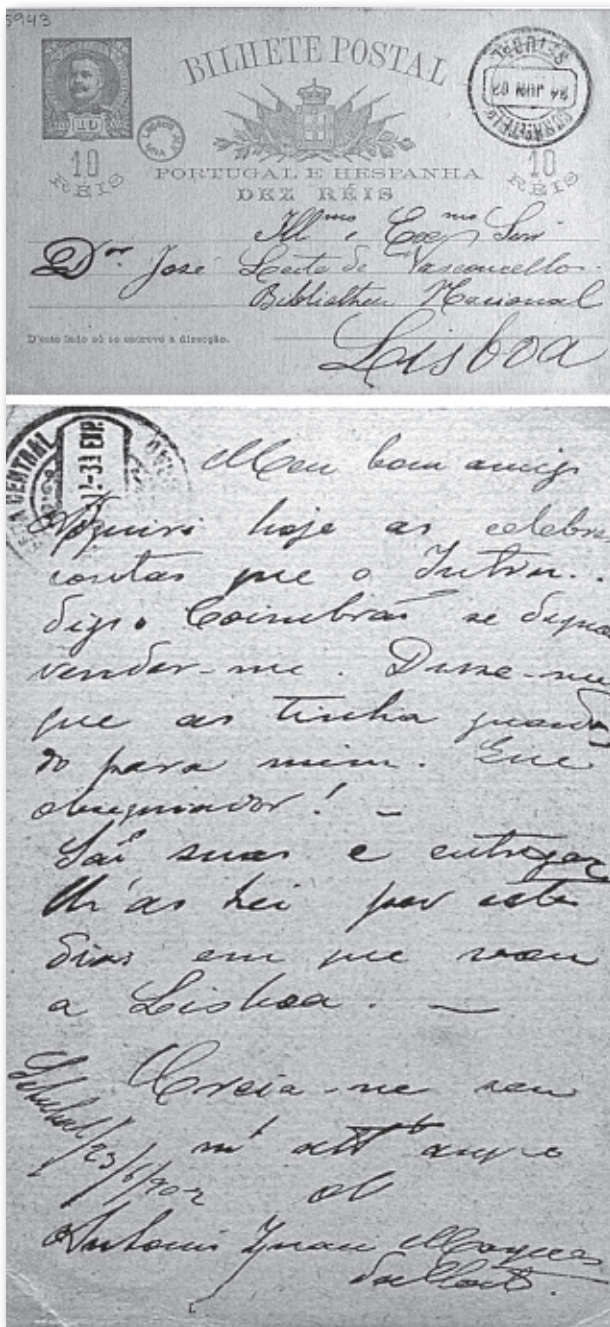


Fig. 20 - Bilhete postal autógrafo de A. I. Marques da Costa a J. Leite de Vasconcelos, datado de Setúbal, de 23 de Junho de 1902.

Lisboa

Setúbal 7 de Novembro de 1902

Meu prezado e Exmo. amigo

Consta-me que já regressou da sua viagem ao Norte. Desejo que venha para aqui, como disse que

tencionava fazer, para lhe mostrar alguns objectos que encontrei n'uma gruta sepulchral na Ruptura. Tenho esboçado a noticia d'elles para o Archeologo.

Talvez no domingo próximo vá a Lisboa e procurarei noticias suas no porteiro da Bibliotheca ou na Livraria Bertrand.

Creia-me seu

mt. att.º e affect. amigo

António Ignacio Marques da Costa

Carta; Documento 5946 (Fig. 22)

Meu muito prezado amigo

Envio-lhe os documentos para o artigo do Archeologo portuguez sobre a prehistoria de Setúbal.

Então quando volta a Setúbal?

Creia-me mt. amigo

att. e mt. obrigado

Setúbal 29 de Novembro de 1902

António Ignacio Marques da Costa

Carta; Documento 5947

Meu prezado e Exmo. Am.º

Veja se lê ate ao fim.

Estive com gripe mais de 15 dias e aqui tem o motivo porque o não tenho atenazado para vir a Setúbal e darmos um passeio a Azeitão ou onde se distrahir mais.

Agora vou melhor e o tempo parece estar seguro; por isso veja se dispõe as coisas para vir.

Como viu saíram magnificas as provas dos desenhos das photographia da 2.ª parte do artigo que mandei para o Arch.

É para compensar umas sete erratas pelo menos que deve ter a 1.ª parte algumas das quaes não podem deixar de ser emendadas visto alterarem bastante o sentido principalmente as das linhas 8 a 11 a pag. 280.

Essas emendas, como se refere ao Arch. de 1902 vão no fim do ultimo fascículo de 1902 ou no fim do artigo? No 1º caso diga-mo porque lh'as mando já.

Confesso que fui pouco cuidadoso com a revisão dos linguados antes de lh'os mandar pelo que me penitencio. Também julguei que o P. Choffat não deixasse passar nada. Agora, que tenho lido o artigo com cuidado é que tenho dado com os gatos alguns dos quaes parecem tigres.

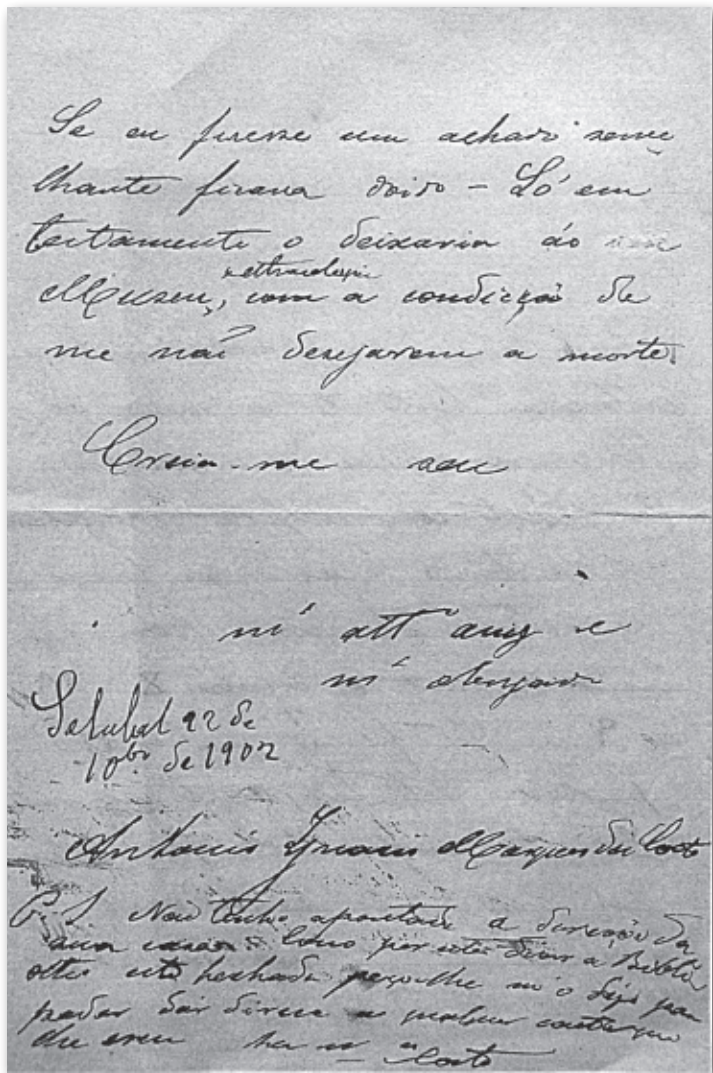


Fig. 21 - Carta autógrafa de A. I. Marques da Costa a J. Leite de Vasconcelos, datada de Setúbal, de 22 de Outubro de 1902.

Tenho achado ultimamente na Rotura 18 ponta de flexa, 3 lanças, 8 placas e muitas raspadeiras tudo de sílex. Também tenho muitos instrumentos de osso e alguns de cobre ou bronze. Venha para ver tudo.

Seu mto am.º e obr.
Setúbal 24 de Março de 1903
António Ignacio Marques da Costa
P.S. O melhor deixei para o fim para ler tudo.

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5948

Illmo e Exmo. Snr.
Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional
Lisboa
Setúbal 24 de maio de 1903
Meu bom e prezado Amigo
Já remetti pelo correio as provas emendadas da 3.ª parte do artigo para o Archeologo.
Já incluída a photographia do vaso restaurado, que ainda faltava mandar.
Recebi hoje o seu livro In Germania que muito agradeço.
Como vae o museu de Belém?
Recomende-me ao nosso amigo Campos
Seu mt am.º e ob.º
António Ignacio Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5949

Illmo e Exmo. Snr.
Dr. José Leite de Vasconcellos
Bibliotheca Nacional
Lisboa
Setúbal 26 de maio de 1903
Meu Exmo. e bom amigo
O nosso amigo Campos manda que lhe envie as photographias que eu deixei ficar em sua casa quando ahi estive ultimamente. Como não me foram enviadas para rever as provas, e não as vi mais e supponho que é o meu Exmo. amigo que as deve ter. Com as provas só mandei a do vaso restaurado que faltava entregar.
Cria-me mto. amigo e ob.º
I. Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5950

Illmo e Exmo. Snr.
Dr. José Leite de Vasconcellos
Bibliotheca Nacional
Lisboa
Setúbal 12 – X – 903
Meu prezado e Exmo. am.º
Quando hontem á noite cheguei a casa, soube que o meu Ex.º amigo tinha vindo procurar-me. Tive muita pena em não nos encontrarmos. Tenho muita coisa nova (das mais antigas) para lhe mostrar. A gruta da Rotura em forma de poço, que o Maximiliano não quis explorar esta agora quasi toda descuberta. Ate agora tenho ahi encontrado 3 craneos humanos

pronunciadamente dolicocephalos, humeros com a cavidade olecraneana perfurada, cubito encurvado para a frente, tibia muito achatada etc. Encontrei também ossos de coelhos e os maxilares d'um carnívoro, que com certeza não é de lobo nem raposa. A formula dentaria é 3,1, (4,1,..) ; 3,1, (3,1,1) talvez de golotão. Não encontrei por ora producto da industria humana. No domingo (hontem) fiz uma excursão ás proximidades de Palmela (Gil Annes) e fiz larga colheita prehistorica. O bilhete não dá para mais. Quando voltar avise para eu não sair já que não quer que o vá esperar.

Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5951

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

Lisboa

Setúbal 16 – X – 903

Meu Exmo. e prezado am.º

Não recebi effectivamente o seu bilhete postal illustrado.

Não sahirei de Setúbal no domingo. Espero ter o prazer de conversar com o meu Ex. am.º

O meu titulo de Marquez está muito corriqueiro em Hespanha. Lá até todos os Marques são marquezes. Democracia da época!

Seu mto. am.º e obr.

Marquez da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5952

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

Lisboa

Meu Exmo. e muito prezado Amigo

Quando no domingo cheguei a S. Braz, eram 7 ½ hora da noite e como tinha a certeza de que o meu Am.º ainda não tinha saído de Albarquel, supuz que ficasse lá a noite julgando que o comboio partia as 8 horas e que não teria tempo de chegar á estação.

Enganei-me. O comboio é as 8 ½ e a D. Ana disse-me que tinha saído de Albarquel ás 7 ¾.

Também a D. Ana me disse que voltava cá no domingo. É verdade?

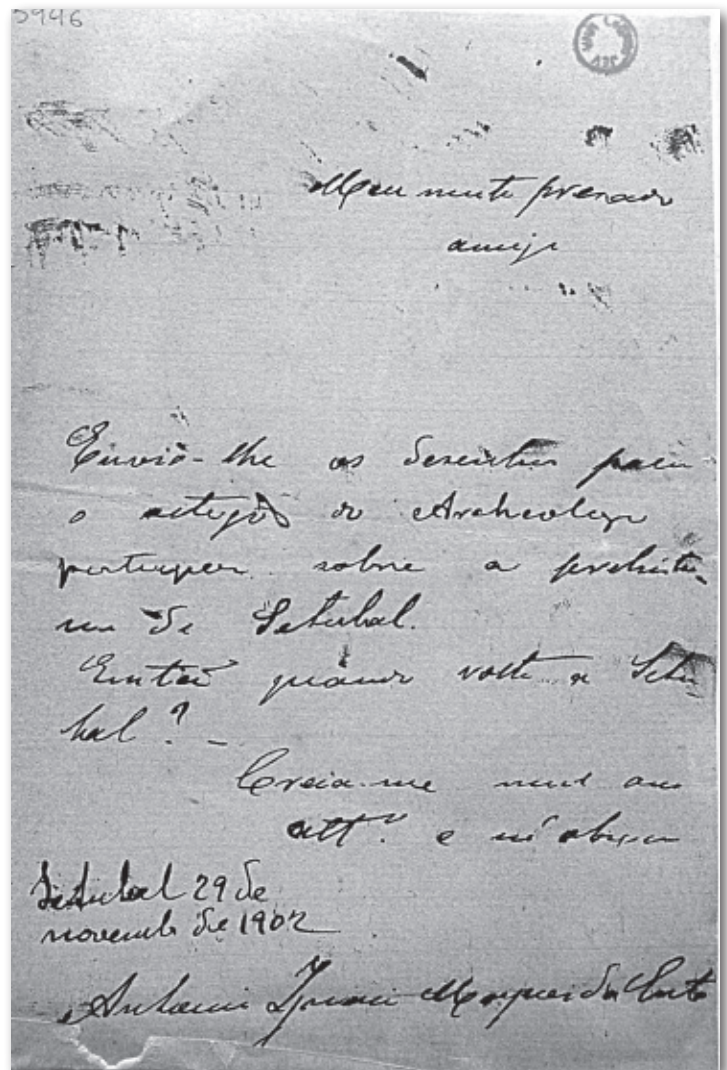


Fig. 22 - Carta autógrafa de A. I. Marques da Costa a J. Leite de Vasconcelos, datada de Setúbal, de 29 de Novembro de 1902.

Creia-me sempre mto. am.º e ob.

Ant. I. Marques da Costa

Setúbal 12 de 8bro. de 1904

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5953

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

Bibliotheca Nacional

Lisboa

Meu Exmo. e prezado amigo

Estive em Lisboa nos dias 6, 7 e 8 do corrte.

E por isso só hoje 9, dia em que cheguei a Setúbal vi o seu bilhete postal.

Aqui tem o motivo porque não respondi logo.
Procurei-o na 6^a e sabbado na Bibliotheca
Nal.; mas disseram-me que tanto o sr. Dr. Je. Leite
como o Sr. Campos tinham ido para Bellem.

Fica as suas ordens o que é
De V^a. Ex^a. mto amigo e obr.^o
A. I. Marques da Costa
Setúbal 9 de S.^o de 1905

Carta; Documento 5954

Meu prezado Amigo
Incluzo lhe remetto a guia de 1 caixote con-
tendo louça romana.

São os fragmentos de uma amphora que se
pode restaurar e que exhumei do terreno adjacente
á capella de N^a S^a da Graça situada a 5 kilometros a
Este de Setúbal na margem N. do estuario do Sado.

Creia-me,
Seu mto. am.^o V.^{or} e obr.^o
Setúbal 26 de Julho de 1905
António Ignacio Marques da Costa

P.S. – Rogo-lhe a (???) de accusar a recepção
Costa

Carta; Documento 5955

Meu prezado e Exmo. Amigo
Vou-me justificar da falta que cometti em o
não encontrar quando estive em Lisboa no principio
do anno.

Procurei-o na Bibliotheca e lá disseram-me
que estava em Bellem. Senti não poder dispor de
tempo para ir tão longe no risco de o não encontrar,
como já me succedeu e por isso não fui.

Não me esqueço, nem posso esquecer a ami-
zade de tão bom cavalheiro, como é o meu bom
amigo.

Mereço pois desculpa? Já não me mette os
tampos dentro?

Com respeito aos números das photogra-
phias, teria vontade de dizer como os meninos «Eu
cá não fui; foi o Sr. Dr. Leite que fez essa maldade».
Mas como o nosso Leite o que fez foi por bondade,
só digo que tudo se harmonizará quando vierem as
provas para eu rever.

Remetto mais uma photographia para o arti-

go que está na imprensa e que por lapso deixei de
enviar.

Acceite um abraço do que por muita sympa-
thia e gratidão é

Seu mto. amigo e ob.

Setúbal 11 de Janeiro de 1906

António Ignacio Marques da Costa

Carta; Documento 5956

Meu muito prezado Amigo

O nosso amigo Portella lá se foi, deixando-me
bastante saudade.

Deixou dois filhos, o mais velho dos quaes se
chama Alfredo Augusto Portella e é empregado na
Câmara, o outro em caza de quem o nosso amigo
falleceu chama-se Manuel Maria Portella Júnior e é
empregado no Correio.

O nosso Portella mostrou-me por vezes um
livro manuscripto, copia de apontamentos e critica
de factos que se relacionam com a vida publica do
Marquez de Pombal e que me parecem escripta por
pessoa que privava com o Marquez e que o acompa-
nhou para o desterro de Pombal. Se não houver mais
copia alguma, acho que o alludido tesouro deve ter
bastante valor.

Por emquanto não o posso informar de mais
nada.

Creia-me mto. amigo e obdo.

António Ignacio Marques da Costa

Setúbal 3 do III de 1906

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5957

Illmo e Exmo. Snr.

Dor. José Leite de Vasconcellos

D.mo. Director do Museu Ethnologico

Belem

(Lisboa)

Meu Exmo. Amigo

Como me disse que já tinha sido publicado
«O Archeologo» de 1910 e ainda o não recebi, rogo-
lhe a fineza de m'õ remetter, podendo, se fôr neces-
sário, correr a despeza por minha conta.

Seu amigo mto. ob.^o

António Ignacio Marques da Costa

R. de S. Julião n.º 21 – 3.º andar

Setúbal (26 = I = 1912)

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5958

Illmo e Exmo. Snr.
 Dor. José Leite de Vasconcellos
 R. de D. Carlos de Mascarenhas – n.º. 27
 Lisboa
 Exmo. Snr.

Muito me agrada que veja Chibanes. Se quiser que o acompanhe diga-m'ó com antecedência para eu ter tempo de na véspera arranjar o trem e ter as coisas preparadas para la irmos.

Setúbal 27 de Novembro de 1912
 Seu am.º e ob.º
 António Ignacio Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5959

Illmo e Exmo. Snr.
 Dor. José Leite de Vasconcellos
 R. de D. Carlos de Mascarenhas – n.º. 27
 (Campolide)
 Lisboa
 Setúbal 9 de II de 1913
 Exmo. Snr.

Pode vir por Setúbal no mesmo dia que fôr a Chibanes; é porem indispensável que eu tenha contractado o trem de véspera, o que farei avisando-me com a devida antecedência. É melhor vir n'um dia de semana; porque para os domingos há muita procura de trens e por isso alem d'outros inconvenientes pode haver o de não haver nenhum disponível.

Seu am.º
 Ant. I. Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5960

Illmo e Exmo. Snr.
 Dor. José Leite de Vasconcellos
 Dmo. Director do Museu Ethnologico (Belém)
 R. de D. Carlos de Mascarenhas – n.º. 27
 Lisboa
 Exmo. Snr.

Recebi o seu folheto «Defensão do Museu» o que muito agradeço.

Na ocasião de o receber soffri d'uma forte nevralgia na região occipital, que me tirou a vontade de ler.

Melhorei e li a Defensão há 2 ou 3 dias. Peço-lhe pois desculpa de não lhe ter agradecido há mais

tempo como me cumpria.

A accusação de falta de honestidade na administração económica do Museu pareceu-me logo tão absurda e injusta que imediatamente julguei que só esse ponto da accusação devia desvirtuar todos os outros.

Quando poder, mandarei o que tiver escripto para O Arch.

Seu att.º v.or e ob.º

António Ignacio Marques da Costa
 Setúbal 15 de Novembro de 1913

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5961

Illmo e Exmo. Snr.
 Dor. José Leite de Vasconcellos
 Dmo. Director do Museu Ethnologico de Belém
 Meu Ill.º Am.º

Entre outras coisas que encontrei em diversas voltas do Alemtejo e que tenho percorrido em serviço da junta de inspecção aos mancebos recenseados para o exercito, vi em casa de António Dias Lopes, com deposito de tabacos na vila do Redondo, um prato, que elle não sabia classificar e que eu classifiquei de hispano-arabe.

É de faiança ordinária com decoração metálica acobreada. Apresse-se a tratar com elle Lopes antes de ser adquirido o prato por qualquer negociante.

Peço-lhe para me mandar o ultimo vol. d'O Archeologo que ainda não recebi.

Seu am.º e ob.

António Ignacio Marques da Costa
 Setúbal 9 do 10 de 1916

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5962

Illmo e Exmo. Snr.
 Dor. José Leite de Vasconcellos
 Director honorário do Museu Ethnologico de Belém
 Rua de D. Carlos Mascarelhas, n.º 40
 Lisboa
 Meu Exmo. e muito prezado amigo
 Setúbal 14 de Maio de 1930

Tenho o artigo sobre as ruínas romanas de Tróia completo e pronto a ser publicado, mas falta numerar as figuras com os números que vão a seguir

desde o 1.º artigo, publicado no vol. XXVI de O Archeologo e continuando com o 2.º artigo publicado no vol. XXVII; pois segundo me disse o Sr. Dor. Vasconcellos este vol. 27 já está publicado, mas ainda não distribuído. Apenas eu receba o que está por distribuir, preencherei no manuscrito os números de figuras que é só a única coisa que falta.

Peço-lhe pois que me mande o vol. XXVII de O Archeologo. Se não poder mandar-me gratuitamente, mande-me dizer o seu custo.

Creia-me seu

Muito admirador e amigo

Antonio Ignacio Marques da Costa

Rua de S. Julião n.º 21 – 3º andar

Setúbal

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5963

Dor. José Leite de Vasconcellos

D.º Director honorario. do Museu Ethnologico

Rua de D. Carlos Mascarenhas n.º 40

Lisboa

Meu Exmo. Am.º

Setúbal 24 de Junho de 1930

Sei que recebeu os 4 numeros da «Cetobriga» por m'os ter agradecido. Se já leu a Localização de Cetobriga, muito desejava que o meu Ex.º Amigo me dissesse uma de duas palavras a respeito da sua impressão. Baste dizer: Aprovo ou Reprovo, se não me quiser deixar passar pela tangente. Já leu também alguma coisa do Capitulo IV do manuscrito para o Archeologo?

Não lhe quero porem dar grande maçada. Escreva quando tiver paciência para isso; pois agradecerei sempre o que me escrever.

Creia-me seu admirador, amigo e mto. obrigado

António Ignacio Marques da Costa

Rua de S. Julião n.º 21 – 3º andar – Setúbal

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5964

Dor. José Leite de Vasconcellos

Dmo. Director honorário (fundador) do Museu Ethnologico

Rua de D. Carlos Mascarenhas n.º 40

Lisboa

Setúbal 30 de Julho de 1930

Meu muito prezado e Exmo. Amigo

Recebi ontem 29 o seu postal de 26 que vinha muito atrasado no Correio.

Agradeço a maçada que teve em ler a Cetobriga. Agora já não há remédio. No 2.º artigo ainda lá quis emendar uma coisa mas não me deram tempo e entendi que já não valia a pena.

A exposição de Setúbal continua aberta até ao dia 15 de Setembro.

Tem pois muito tempo para a ver. Mande no que lhe possa servir.

O seu venerador, admirador e am.º muito obrigado

António Ignacio Marques da Costa

Carta; Documento 5965 (Fig. 23)

Meu presado e Exmo Amigo

Dor. José Leite de Vasconcellos

Setúbal 17 de Julho de 1931

Muito folgo com sua saúde que me parece que é boa.

A prova photographica que possuo do castro ou melhor do terreno que acusava, e ainda acusa, vestígios d'um castro da época neolithica nos arredores de Setúbal é o da Rotura de que V. Ex.^a deve possuir a reprodução em gravura em algum dos n.ºs do jornal Cetobriga para onde mandei uns 4 artigos sobre «Setúbal antiga – Localização de Cetobriga». – Deste jornal, estou bem lembrado, mandei os exemplares com o meu artigo a V.^a Ex.^a, que me disse, desejava possuir.

Um photografo curioso de Setúbal suponho que ainda tem o cliché e talvez por tal cliché se possa tirar outra prova que se for necessário eu lhe pedirei para mandar a V.^a Ex.^a.

Para o vol. n.º XXVIII do Archeologo mandei um artigo sobre as ruínas romanas de Tróia, de que já veiu da Imprensa Nacional a prova para eu emendar. Quasi nada emendei e depois devolvi para a mesma Imprensa Nacional, há já bastante tempo.

Não sei se o dito vol. XXVIII do Archeologo saiu ou não publicado, para mandar outro artigo ainda sobre edificios romanos em ruínas em Tróia. Peço obsequio de me diser se o dito vol. XXVIII de O Arch., saiu ou não publicado, afim de eu mandar outro art.º a V.^a Ex.^a para ser publicado no n.º

XXVIX de O Arch.

Seu ad.or muito amigo e obr.º
António Ignacio Marques da Costa

Bilhete-Postal de 10 Réis – Documento 5966

Dor. José Leite de Vasconcellos, presid.te Di-
rector honorario do Museu Ethnologico Portugues
Rua de D. Carlos Mascarenhas n.º 40
Lisboa

Meu Exmo. e presado amigo

Recebi hoje o seu postal em que me diz: que
o Dor. Heleno deu ordem para vir o vol. 18 do Ar-
cheologo Português. Não o recebi, também deseja-
va ter o vol. XXVIII (28 do O Archeologo). V.ª Ex.ª
pergunta-me em seu postal se eu recebi o vol. 28 do
Archeologo Português. Eu não recebi o vol. 28 nem
o vol. 29. O sr. Dor. Heleno está mal comigo, apesar
de patrício; porque eu sou de Leiria, vizinha de Mte.
Real, onde residia a Rainha Santa e que lá no céu
não gosta destas mal (???) entre patrícios.

Vou escrever ao Snr. Luis Chaves que co-
nheço e me parece amigo a ver se sou bem sucedido.
Brevemente visitarei V.ª Ex.ª na sua casa na Rua de D.
Carlos Mascarenhas n.º 40 pois os aspirantes, como eu
a archeologos nunca se esquecem dos verdadeiros e
consummados archeologos como V.ª Ex.ª.

Seu amigo e mt.º obr.º
António Ignacio Marques da Costa
Setúbal 4/6/32

Carta; Documento 5967

Meu muito presado e Exmo. amigo
Snr. Dor. José Leite de Vasconcellos
Setúbal 10 de Junho de 1932

Recebi hoje 10 de Junho um postal de V. Ex.ª
em que me diz: «Espero (ancioso) suas informações
que podia mandar-me por escrito».

Eu não sei com certeza a que informações V.ª
Ex.ª se refere, mas como, no seu postal, V.ª Ex.ª diz:
«Agora outro assumpto. Conhece decerto meio pelo
qual podemos atestar o uso de banhos do mar na
Lusitânia Romana? O meu amigo em O Archeologo
vol. n.º 16 pag. 316 e 319 fala de banhos de agua
salgada junto do mar ou de banhos comuns?»

Eu só suponho que eram banhos, sem poder
afiançar se eram de agua doce ou salgada em ana-
logia com os de Stabras a respeito do quaes Thede-

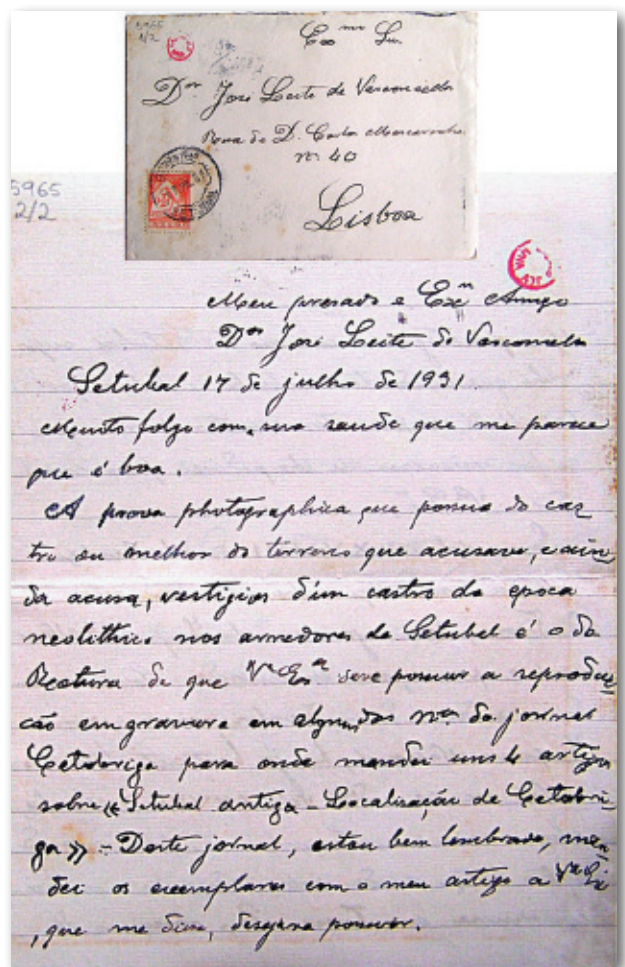


Fig. 23 - Carta autógrafa de A. I. Marques da Costa a J. Leite de Vasconcellos, datada de Setúbal, de 17 de Julho de 1931.

nat a pag. 107 da vie publique diz claramente: «O
frigidarium da banhos de Stabras (E) consiste em
um compartimento redondo internamente rodeado
d'um estreito paneio de mármore com quatro nichos
para onde se poderia retirar (entende-se o banhista?)
sem impedir a circulação».

Reich no seu Dictionn. antiquités romaines et
grecques diz s. v. Baptisterium que é palavra grega
e que é «banho frio» em que se mergulhava e era
construído na cella frigidaria. A gravura representa
um banho frio tal como subsiste em Pompeia. Tal
gravura é muito semelhante á do Baptisterium de
Tróia como vem descripto no vol. 16 do Archeologo
e agora julgo que será publicada no vol. 29 do mes-
mo Archeologo que eu vou novamente pedir ao Snr.
Luís Chaves e que ele disse a V.ª Ex.ª que me tinha

mandado, mas eu não o recebi. Vou hoje ou amanhã, pedi-lo outra vez.

Sou de V.^a Ex.^a admirador e muito amigo
António Ignacio Marques da Costa
Rua do diário «O Setubalense» n.º 21 – 3.º andar
Setúbal

Carta; Documento 5968 (1/2)

Meu Exmo. e muito presado
Amigo Dor. José Leite de Vasconcellos
Setúbal 14 de Junho de 1932

Parece-me que tem havido grande confusão a respeito do meu pedido do vol. XXIX (29) d'O Archeologo Português, confusão de que não está isento V.^a Ex.^a, por os factos se passarem há anos. Vou expor a questão conforme já expuz ao Sr. Luiz Chaves e que julguei tudo esclarecido conforme a copia junta. É bom recordar que na ocasião de estar por sair da Imprensa Nacional o vol. XXVIII (28) de O Archeologo, disse-me agora o Sr. Dor. da Oficina da Escola Typographica da Imprensa Nacional, as gravuras do meu artigo – capitulo IV não estavam feitas e por isso o meu artigo ficou para ser publicado, não no vol. XXVIII (28), mas no vol. XXIX (29). Foi isto que me informou o Exm.^o Sr. Director da Oficina da Escola Typographica da Imprensa Nacional e por isso o meu artigo segundo o mm.^o Director o Sr. José Frederico Baptista Coelho não pode ser publicado no vol. XXVIII (28) mas ficou para ser publicado no n.º XXIX (29) do mesmo Archeol. Foi por isto que o mm.^o Sr. Director me mandou as antigas provas, que eu já tinha mandado, para ver ainda melhor visto estarem tanto tempo sem serem publicadas. Isto foi agora, talvez há menos de 2 meses.

Como eu agora peço O Archeologo n.º XXIX (29) julgaram que é outro. Recordo isto ao Sr. Dor. José Leite de Vasconcellos, porque nem V.^a Ex.^a nem o Luís Chaves, nem mesmo o Sr. Dor. Manuel Heleno têm o menor motivo para me não enviarem O Archeologo que peço e que são principalmente o vol. XXIX (29) e também o n.º XXVIII (28) que comquanto não traga artigo meu, o sr. Dor. Vasconcellos assim mesmo mos costuma mandar por sermos antigos amigos

Sou de V.^a Ex.^o att.^o amigo obrgado

António Inácio Marques da Costa
Rua do Diário O Setubalense n.º 21 – 3 andar
Setúbal

Carta; Documento 5968 (2/2)

Illmo. Exmo. Sr. Luiz Chaves
Digno. Conservador do Museu Etnológico
de Belém (Lisboa)

Eu tenho o volume XXVII (27) d'O Archeologo onde vem um meu artigo sobre Estudos de algumas estações etc. constante do Capitulo III e seus §§ 1, 2 e 3. Não é pois o vol. XXVII (27) d'O Archeologo que eu peço a V. Ex.^a

O meu artigo capitulo IV mandei-o com antecedência e as respectivas figuras para ser publicado no vol. XXVIII (28) d'O Archeologo; mas segundo me informaram na Imprensa Nacional na ocasião em que esse numero XXVIII (28) d'O Archeologo estava prestes a sair da Imprensa, as gravuras do capitulo IV do meu artigo, apesar de eu as mandar com antecedência não estavam promptas isto é, feitas, como me informou o Exmo. Director da escola Typographica da Imprensa Nacional o Sr. José Frederico Baptista Coelho, e por isso não pode o meu artigo capitulo IV ser publicado no vol. XXVIII (28) do Archeologo, nem me mandaram este volume apesar de na Imprensa Nacional me dizerem que para m'ó mandar o tinham remetido áo Exm.^o Sr. Doutor José Leite de Vasconcellos. Não recebi este vol. XXVIII talvez por esquecimento e não trazer o meu artigo.

Ficou porem o meu artigo, contando o cap. IV e as respectivas gravuras para ser publicado no vol. XXIX (29) d'O Archeologo e por isso o Sr. Director da Oficina da Escola Typographica da Imprensa Nacional me mandou há um mez novamente meu artigo para eu emendar qualquer coisa visto estar há tanto tempo sem ser publicado e eu querer talvez emendar qualquer coisa por não ter sido em tempos publicado no vol. XXVIII (visto as gravuras não estarem feitas na ocasião da publicação do vol. XXVIII d'O Archeologo). Reenviei pois o capitulo IV do meu artigo com pequenas emendas á Imprensa Nacional.

Julgo pois que o meu art. cap. IV foi publicado no vol. XXIX e é este vol. 29 que eu rogo a V.^a Ex.^a que m'ó mande para Setúbal conforme me disse o Sr. Dor. José Leite de Vasconcellos.

Agradecimentos

Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo e à responsável pela Biblioteca e Arquivo da Instituição, Dr^a. Lívia Cristina Coito, respectivamente pela autorização em publicar o conjunto de epistolar recebido por J. Leite de Vasconcelos de A. I. Marques da Costa, e pela cordialidade do acolhimento.

A José Carlos Henrique de Jesus António, pela cuidada transcrição da correspondência ora publicada.

Ao Dr. Carlos Mouro, de Setúbal, pela cedência das cópias de certidões de nascimento, baptismo e óbito de A. I. Marques da Costa, agora publicadas e de outra bibliografia.

À Dr^a. Isabel Carneiro, pelas informações recolhidas no Processo Individual de António Inácio Marques da Costa, conservada no Arquivo Histórico Militar, no âmbito da disciplina Património Arqueológico, leccionada pelo signatário no Mestrado em Estudos do Património, da Universidade Aberta.

Referências bibliográficas

AHM (Arquivo Histórico Militar) – Processo Individual de António Inácio Marques da Costa. Caixa 2235. Lisboa.

BAPTISTA, J. Correia (1896) – Salacia. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 5-10; 143-144.

BEIRÃO, C. de Melo; GOMES, M. Varela (1985) – Grafitos da Idade do Ferro do centro e sul de Portugal. *III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas (Lisboa, 1980)*. Actas. Universidad de Salamanca, p. 465-499.

CARDOSO, J. L. (e. p.) – A correspondência de arqueólogos estrangeiros para J. Leite de Vasconcelos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras.

CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 82, p. 145-168.

CARVALHO, J. C. de Almeida (1896) – A Sociedade Archeológica Lusitana: antiguidades extrahidas das ruínas de Tróia e onde é que se acham depositadas. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses*. Série III, 7, p. 70-75; p. 82-92.

COITO, L. C.; CARDOSO, J. L.; MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo.

COSTA, A. I. Marques da (1903) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 8, p. 47-52; 137-148; 266-274.

COSTA, A. I. Marques da (1905) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 10, p. 185-193.

COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 12, p. 206-217; 320-338.

COSTA, A. I. Marques da (1908) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 13, p. 270-283.

COSTA, A. I. Marques da (1910 a) – *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Apontamentos para o seu estudo*. Lisboa: Imprensa Nacional.

COSTA, A. I. Marques da (1910 b) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 55-83.

COSTA, A. I. Marques da (1916) – A Pedra Furada de Setúbal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*, 11, p. 97-117.

COSTA, A. I. Marques da (1923/1924) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 26, p. 314-328.

COSTA, A. I. Marques da (1926) – Localização de Cetóbriga. *Cetóbriga*, 2 (15 de Março de 1926), p. 5; 3 (2 de Abril de 1926), p. 3; 4 (16 de Abril de 1926), p. 7; 5 (2 de Maio de 1926), p. 7.

COSTA, A. I. Marques da (1930/1931) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 29, p. 2-31.

COSTA, J. Marques da (1960) – *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.

CRUZ, P. Belchior da (1906) – As grutas de Palmela. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, 1(3), p. 87-98.

ENVIA, M. (1947) – *Coisas de Setúbal. Prosas regionais*. Setúbal: edição do autor.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8 – Nova Série).

MACHADO, J. L. Saavedra (1965) – *Subsídios para a história do Museu Etnológico Português do Dr. Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (separata de *O Arqueólogo Português*, Série II, 5).

MACHADO, J. T. Montalvão (1962) – Como surgiu em Portugal a primeira sociedade de arqueologia. *Arqueologia e História*, Série VIII, 9, p. 117-145.

NETO, J. L. P. S. G. (2008) – *A Idade do Ouro Branco. O contributo da Arqueologia p]os/medieval para o conhecimento de Setubal, uma cidade portuária portuguesa. Tese de doutoramento em Arqueologia*. Lisboa. Universidade de Salamanca/Universidade Autónoma de Lisboa, 2 vols., policopiada.

QUINTELA, A. de Carvalho; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. M. (1986) – *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa: Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.

RIBEIRO, M. (1973) – *O Arqueólogo Português. Índices dos volumes 1-30 (1895-1938)*. Tomo I. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

SALGADO, Fr. Vicente (1784) – *Conjecturas sobre huma medalha de bronze com caracteres desconhe-*

cidos, e com os latinos Vetto, achada no lugar da Troya defronte da villa de Setuval. Lisboa: Na offic. de Simão Thaddeo Ferreira.

SILVA, C. Tavares da; CABRITA, M. G. (1964) – *Estações romanas da região de Setúbal*. Setúbal (separata da revista *Cetóbriga*, n.º. 1 e 2).

SILVA, C. Tavares da (1966) – Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Lycerna*. Porto. 5, p. 572-577 (*Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*).

SOUZA, V. de (1990) – *Corpus signorum imperii romani*. Portugal. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VASCONCELOS, J. Leite de (1895 a) – Ruínas de Tróia (em frente de Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 1, p. 54-62.

VASCONCELOS, J. Leite de (1895 b) – Aquisições do Museu Etnográfico Português. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 218-222.

VASCONCELOS, J. Leite de (1895 c) – Museu arqueológico de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 46-47.

VASCONCELOS, J. Leite de (1895 d) – Excursão arqueológica a Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 65-92.

VASCONCELOS, J. Leite de (1903) – Projecto de um museu arqueológico em Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 7, p. 18-22.

VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Volume II.

VASCONCELOS, J. Leite de (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Volume III.

VASCONCELOS, J. Leite de (1914) – Excursão arqueológica à Estremadura Transtagana. *O Arqueólogo Português*, 19, p. 300-312.

VASCONCELOS, J. Leite de (1929) – Sepultura de Galla. *O Arqueólogo Português*, 28, p. 52-60.